



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Perfil e competências do professor na prevenção da
indisciplina, do ponto de vista do aluno descendente
Cabo-verdiano em Portugal.
Estudo de caso: Comunidade Cabo-verdiana em Portugal

Suziliana Oliveira Ramos

Mestrado em Educação e Sociedade

Orientadora:

Doutora Teresa de Jesus Seabra de Almeida, Professora
Associada

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2022

Departamento de Sociologia

Perfil e competências do professor na prevenção da
indisciplina, do ponto de vista do aluno descendente
Cabo-verdiano em Portugal.

Estudo de caso: Comunidade Cabo-verdiana em Portugal

Suziliana Oliveira Ramos

Mestrado em Educação e Sociedade

Orientadora:

Doutora Teresa de Jesus Seabra de Almeida, Professora
Associada

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2022

Agradecimentos

Termina agora mais um ciclo da minha vida que não o teria conseguido concluir sem as pessoas que me rodeiam. Permitiram-me, e ajudaram-me a crescer enquanto pessoa e profissional.

Primeiramente, agradeço a Jeová Deus, à minha família e alguns amigos que abraçaram o meu projeto, acompanharam todo o meu percurso nos bons e nos maus momentos. Obrigada pela paciência e pelas palavras sábias que me disseram, nunca desistiram de mim e foram os primeiros a acreditar. Sem vocês não teria sido possível. Ao meu filho que tanto amo tenho gratidão por ele compreender e aceitar a minha ausência. À Ana e a Ângela as minhas companheiras nesta corrida. Crescemos e aprendemos juntas. Obrigada pela amizade, paciência e pelo encorajamento mútuo.

Um agradecimento especial à Professora Doutora (Teresa Seabra) pela supervisão, disponibilidade, dedicação, generosidade e acima de tudo pelo rigor, pois só assim pude crescer e evoluir enquanto pessoa e futura profissional.

Agradecer também ao Instituto Universitário de Lisboa pela compreensão e apoio quando precisei.

Um especial obrigado a todos!

Resumo

O presente estudo pretendeu compreender o fenómeno da indisciplina escolar, em sala de aula, sob a perspetiva do aluno. Teve como objetivo central explorar qual o perfil e as competências do professor, que ideais na prevenção da indisciplina, do ponto de vista do aluno descendente cabo-verdiano em Portugal. Participaram neste estudo 8 crianças descendentes de imigrantes cabo-verdianos, com idades compreendidas entre os 10 a 14 anos.

Para a obtenção das respostas foram aplicadas entrevistas estruturadas a alunos que frequentavam um centro de estudos da Área Metropolitana de Lisboa (AML). Para a análise dos dados, foi efetuada a análise do conteúdo.

Os resultados mostraram que, a maioria dos alunos não consideraram que a forma como o professor atuou face à indisciplina tenha sido a melhor. Quando questionados pelos motivos, estes referiram que o professor deveria falar com os pais, de modo a perceber se o aluno estava com algum problema; deveria enviar o aluno para a Direção em vez de “o colocar na rua”; deveria falar com o aluno e tentar entender as razões do seu comportamento; e que não deveria gritar com o mesmo. No que diz respeito à opinião acerca da melhor forma do professor evitar a indisciplina, referiram sobretudo a de “falar com os pais”. Por fim, os resultados mostraram, igualmente, que os alunos se consideram no geral, bem-comportados, sabem definir o que entendem por indisciplina, e identificam facilmente os comportamentos indisciplinados.

Palavras-chave: *indisciplina na sala de aula; comportamentos indisciplinados; perceção dos alunos; alunos imigrantes; origem cabo-verdiana.*

Abstract

This study aimed to understand the phenomenon of school indiscipline in the classroom from the student's perspective. Its main objective was to explore the teacher's profile and competences in the prevention of indiscipline from the point of view of the students of Cape Verde descent in Portugal. Eight children of Cape Verdean descent aged between 10 and 14 years old participated in this study.

The research method used was the case study, which is part of the qualitative empirical methodology. Data was collected in a study center in the Lisbon Metropolitan Area (AML) using a structured interview. For data analysis, content analysis was performed.

The results showed that most students did not consider that the way the teacher acted towards indiscipline was the best. When questioned about the reasons, they mentioned that the teacher should talk to the parents to understand if the student had a problem; should send the student to the Directorate instead of "throwing him out"; should talk to the student and try to understand the reasons for his behaviour; and should not shout. Regarding the opinion about the best way for the teacher to prevent indiscipline, a large part of the students mentioned "talking to the parents". Finally, the results also showed that students consider themselves, in general, well-behaved, know how to define the concept of indiscipline well and correctly identify unruly behaviour.

Keywords: *classroom indiscipline; unruly behaviours; prevention; intervention; students' perception; immigrant students.*

Índice Geral

Introdução.....	1
Capítulo I- Enquadramento teórico	3
1. A indisciplina escolar	3
1.1. Conceitos, causas e consequências.....	3
1.2. O papel do professor na gestão da indisciplina na sala de aula.....	10
1.3. A intervenção para a prevenção da indisciplina.....	11
Capítulo II- Metodologia.....	18
Capítulo III- Resultados e Discussão	22
3.1. O que pensam os jovens sobre a indisciplina nas suas escolas	22
3.2. Como entendem que as situações de indisciplina devem ser resolvidas.....	24
Conclusões	28
Bibliografia.....	31
Anexos.....	38

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Estratégias para combater os desafios da convivência escolar e promover a disciplina	13
Tabela 2 - Caracterização dos participantes	19

Lista de Abreviaturas

AML- Área Metropolitana de Lisboa

PBS- *Positive Behavioral Support System*

SEL- *Social-Emotional Learning*

Introdução

Ao longo do tempo, a indisciplina escolar tem-se constituído como uma preocupação entre professores, pais, sociedade, decisores políticos e opinião em geral. Trata-se de um fenómeno multifacetado no que concerne às suas manifestações e causas, assim como aos seus significados e consequências no âmbito social, psicossocial e psicopedagógico (Freire & Amado, 2009, p. 86).

Um estudo realizado por Seabra (2012), destacou existir uma forte relação entre a indisciplina em meio escolar e o desempenho escolar dos estudantes; no caso em apreço, os estudantes de origem cabo-verdiana revelavam ter uma baixa conformidade em relação a regras escolares. Sabe-se que o comportamento dos alunos em sala de aula está relacionado, não exclusivamente, mas de forma significativa, com as expectativas dos professores face aos alunos. A literatura mostrou que as crenças dos professores nas capacidades académicas dos seus alunos têm sido consideradas como um fator crucial para o sucesso destes; aparecendo associadas às próprias expectativas dos alunos sobre até que ponto eles acham que podem evoluir, influenciando significativamente a sua atitude relativamente à escola (Cheng, 2017, p. 170). A literatura mostrou também que a expectativa dos professores em relação a alunos imigrantes é normalmente mais baixa, especialmente no que tange ao desempenho académico (e.g., Cate & Glock, 2018; García-Fernández et al., 2021). Por conseguinte, depreende-se que o papel do professor é de extrema importância, não apenas na gestão da indisciplina como em todo o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. A falta de preparação dos professores, a pouca abertura à diversidade, os preconceitos e os estereótipos que se traduzem (conscientemente ou não) em expectativas baixas relativamente a determinados grupos de alunos, entre outros fatores, podem estar na causa de comportamentos indisciplinados.

Neste sentido, sendo este um problema bastante presente no contexto escolar, torna-se pertinente o estudo deste fenómeno, sob a perspetiva dos alunos descendentes de imigrantes cabo-verdianos. Verifica-se uma escassez de estudos que exploram a perspetiva do aluno em relação ao comportamento indisciplinado, sobretudo do aluno descendente de imigrantes.

Assim, este estudo teve como objetivo central explorar qual o perfil e as competências do professor na prevenção da indisciplina do ponto de vista do aluno descendente cabo-verdiano em Portugal.

De modo a concretizar este objetivo, esta dissertação está organizada em três capítulos centrais.

O primeiro capítulo, relativo ao enquadramento teórico, divide-se em dois tópicos centrais: primeiramente, é abordado a temática da indisciplina, os seus conceitos, causas e consequências, bem como o papel do professor na gestão da indisciplina na sala de aula. No segundo tema, é abordada a intervenção para a disciplina, nomeadamente os programas de intervenção ou medidas de resposta, os programas de prevenção, as abordagens diversificadas e a intervenção para a disciplina na política educativa portuguesa.

No segundo capítulo, apresenta-se a metodologia de investigação acionada, nomeadamente a abordagem utilizada, o problema e a questão de investigação, os objetivos gerais e específicos, os participantes do estudo e os procedimentos de recolha e análise dos dados.

O terceiro capítulo, apresenta os resultados e a respetiva discussão à luz do enquadramento teórico abordado anteriormente.

Por fim, apresentam-se as principais conclusões, incluindo as contribuições e as limitações do estudo realizado.

Capítulo I- Enquadramento teórico

1. A indisciplina escolar

O tema da indisciplina escolar tem sido debatido desde há muito tempo, transpondo os limites da sala de aula ou os muros da escola (Boarini, 2013, p. 124). A indisciplina tem sido, nos últimos tempos, a principal causadora de constantes reuniões entre pais e membros escolares em instituições de educação básica, sendo considerada pelos profissionais de educação um dos grandes empecilhos no processo de ensino-aprendizagem. De referir que a indisciplina não está circunscrita ao contexto escolar, podendo ocorrer em diversos ambientes, porém é na escola que se verifica a sua severidade (Bastos, 2020).

De seguida apresentam-se os principais conceitos da indisciplina, suas causas e consequências de acordo com diversos estudos da área.

1.1. Conceitos, causas e consequências

O conceito de indisciplina é normalmente definido como estando relacionado com conceito de disciplina. A palavra disciplina é originada do latim, apresenta a mesma base que a palavra *discípulo*, que significa “aquele que aprende”. A palavra está igualmente relacionada ao verbo latino *discere*, que significa aprender. Por conseguinte, a palavra disciplina está etimologicamente vinculada à abordagem de instrução, ensino, educação e aprendizagem (Silva, 2012). A indisciplina é frequentemente definida como uma ausência, desrespeito ou incumprimento da disciplina (Queiroz, 2019, p. 13). Ao efetuar uma rápida pesquisa em dicionários de referência, consegue-se ter uma compreensão breve acerca deste conceito. Assim, este termo é definido como oposto ao conceito de disciplina: “1-falta de disciplina; 2- ato ou dito contrário à ordem ou regras estabelecidas; 3- desordem; 4- rebelião; 5- incapacidade de agir de forma metódica.” (Infopédia, s.d.).

Da análise da literatura, não parece haver um consenso em relação à definição do conceito de indisciplina. No entanto, vários autores partilham a mesma visão ao considerar que se trata de um conceito ambíguo e polissémico, sujeito a várias interpretações e significados. De ressaltar que determinados conceitos, tais como violência ou *bullying* podem confundir-se com o conceito de indisciplina, apesar de não serem obrigatoriamente sinónimos (Peixe, 2019, p. 4). Na realidade, a violência, o *bullying* são algumas das formas que a indisciplina assume (Kagoiya&Kagama, 2018).

No que concerne ao âmbito escolar, a ideia de disciplina e indisciplina estão relacionadas à necessidade de dirigir os indivíduos pelas mesmas diretrizes e regras de funcionamento. De

acordo com Santos (2016), a indisciplina é algo que sempre fez parte da história da educação e é entendida como uma transgressão, um descumprimento das normas referentes a um dado espaço ou situação, sendo que no caso da escola, diz respeito às regras educacionais (p.1).

Na opinião de Seabra et al. (2002), a disciplina e a indisciplina escolares são construções sociais, que não podem ser desassociadas das pessoas, culturas, contextos e interações, sociedades e momentos históricos. Como tal, o conceito de (in) disciplina, do ponto de vista sociológico, não pode deixar de estar associado às normas sociais que determinam e modulam os comportamentos individuais e coletivos (p. 7).

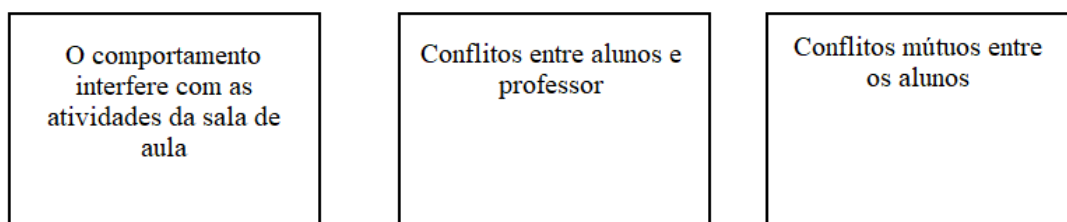
Para Bastos (2016), a indisciplina escolar é considerada um fenómeno permanente e desestabilizador que se opõe às normas educacionais, provocando transtornos tais como o desrespeito, a violência (física e psicológica), entre outros, os quais deixam marcas significativas e duradouras.

Na conceção de Sebastião (2013), na escola contemporânea, o problema da indisciplina aparece de forma diferente em relação ao passado, no sentido em que com o aumento da escolaridade obrigatória a gestão dos comportamentos de grandes grupos de alunos passa a ser entendida como um problema permanente e sistémico, originado não apenas pelo número como também pela diversidade social e cultural cada vez maior dos seus públicos. Esta diversidade, por sua parte, resulta numa maior variedade de respostas por parte dos alunos (p. 27).

Na opinião de Bessa et al. (2020), a indisciplina experienciada na escola é um tópico que nunca deixará de ser abordado e discutido, na medida em que a sociedade está em contínua transformação, as famílias modificam-se a todo o momento, assim como as metodologias de ensino e de aprendizagem. Como tal, professores, alunos, escola, pais e terceiros, têm todos um papel de grande peso na alteração desses papéis, sendo que a relação estabelecida hoje pode não ser a mesma de amanhã (p. 10).

Segundo a literatura, existem três formas principais de comportamento indisciplinado do aluno, chamadas de “Abordagem *cluster* à indisciplina”. Estas formas são baseadas em diferentes aspetos e não na gravidade do comportamento (figura 1).

Figura 1. Abordagem *cluster* à indisciplina



Fonte: Mareš (2018, p. 561).

De acordo com Santos (2020), para se entender o fenómeno da indisciplina, é importante caracterizar o aluno indisciplinado. Assim, este é caracterizado por ser uma criança ou jovem que ainda não desenvolveu o conceito de autodisciplina, ou seja, ainda não se consciencializou acerca do facto de que o seu comportamento condiciona o processo de ensino/aprendizagem; manifesta uma incapacidade de assumir posturas corretas, dado que ainda não desenvolveu a perceção do que é o correto. Uma vez que o conceito de democracia em sociedade não é respeitado por este aluno, os seus comportamentos são insensatos e incongruentes, desestabilizando todo o bom funcionamento da escola e da aula, conforme o espaço físico em que as suas ações ocorrem (pp. 5-6).

De acordo com Okeke (2021), o tipo de indisciplina escolar mais comum manifesta-se tipicamente em comportamentos/ações por parte dos alunos tais como: i) violência dirigida aos outros; ii) rompimento ou transgressão propositada das normas e regulamentos da escola; iii) fazer *bullying* ou bater nos colegas; iv) chegar atrasado ou faltar às aulas; iv) não realizar as tarefas ou atividades propostas pelos professores (p. 350).

No estudo de Matos e Ribeiro (2015), com crianças/alunos da educação pré-escolar de um centro em Portugal, os resultados mostraram que os casos mais comuns de indisciplina incluíram: não aceitar ordens; gritar; correr no *hall*; agredir os colegas; e gozar com os adultos e com os colegas.

Os fatores responsáveis pela indisciplina escolar podem ser de vários tipos, como por exemplo, familiares, sociais, pessoais e/ou escolares, e devem ser alvo de atenção por parte dos gestores escolares, em conjunto com outras entidades, os quais, em função dos seus recursos, deverão intervir para minimizar potenciais riscos (Monteiro et al., 2015, p. 35).

Diversos estudos científicos, realizados em vários países, empenharam-se em estudar as causas da indisciplina escolar, tendo encontrado um leque de fatores causadores desse problema. No estudo de Ngwokabuenui (2015), os resultados mostraram que os principais fatores causadores de indisciplina em alunos do ensino secundário incluíram os seguintes: a

perpetuação de rótulos negativos atribuídos pelos professores aos alunos; o abuso de poder por parte de monitores escolares mais antigos; hábitos de estudo precários por parte dos alunos; e, inquietação e desatenção durante as aulas. Na visão dos autores, o excesso de energia acumulado por crianças que estão inativas durante muito tempo pode fazer com que estas se tornem inquietas e desatentas, sobretudo quando as aulas são monótonas. Isto pode suceder devido a problemas com o currículo escolar e à falta de instalações adequadas que impedem o dinamismo das aulas. Ademais, o uso constante de rótulos negativos por parte dos professores pode fazer com que os alunos comecem a construir um autoconceito baixo, desenvolvendo um estado mental mais negativo. Com efeito, o estudante rotulado pode começar a assumir que não tem (nem terá) um bom desempenho escolar, tornando-se deliberadamente indisciplinado (Ngwokabuenui, 2015, p. 70).

Na conceção de Caeiro e Delgado (2005, citados em Lopes & Gomes, 2012), dentro dos fatores pedagógicos causadores da indisciplina escolar, salienta-se a relação professor-aluno, isto é, quando as regras, as expectativas e a organização determinadas pelo professor na sala de aula, assim como a existência de pontos de vista diferenciados acerca de situações ocorridos de aula não são congruentes, podem resultar em possíveis situações de conflito. Por conseguinte, a indisciplina é fruto dessa interação construída em sala de aula (p. 265).

Schlebuschet al. (2022) identificaram quatro tipos de fatores que podem conduzir à indisciplina escolar, a saber (pp. 2-5):

i) fatores relacionados com o ambiente (ambientais)- decorrem de acontecimentos e condições que os alunos enfrentam na comunidade e na sociedade em geral, incluindo hábitos sociais, injustiças, crimes, preconceitos e estereótipos que se refletem no comportamento dos alunos na escola de diversas formas, assim como questões sociais relacionadas a mudanças na sociedade;

ii) fatores relacionados com os professores-variáveis relacionadas aos docentes que têm influência direta no comportamento dos alunos na escola, tais como a conduta pessoal, a atitude em relação ao trabalho, o relacionamento estabelecido com os alunos, a abordagem à disciplina, entre outros;

iii) fatores relacionados com a família- o comportamento dos alunos na escola, tende, em grande medida, a refletir o estilo de vida do lar e da família de onde provêm. Assim, existe uma série de condições e circunstâncias familiares que podem afetar o comportamento da criança na escola, tais como a pobreza, a permissividade, a negligência por parte dos pais (e.g., pais que passam pouco tempo com os filhos), pais demasiado punitivos, a presença de violência doméstica, etc.

iv) fatores relacionados com os pares- a pressão por parte dos colegas desempenha um papel importante na indisciplina em sala de aula; muitas vezes, alguns alunos influenciam outros para causar o caos. De mencionar que o poder tornar-se mais influente é sentido quando as relações familiares não são tão próximas ou de apoio.

No estudo de Santos (2020), realizado num agrupamento de escolas de Portugal, os resultados revelaram que as medidas criadas pelo agrupamento para combater a indisciplina contribuíram para o seu aumento. Dentro dessas medidas destacaram-se as seguintes: o excesso de carga burocrática, o consecutivo tardar das punições e a natureza reativa das soluções formuladas. A falta de eficácia das medidas contribuiu, igualmente, para um descrédito da organização alvo de estudo, resultando num senso de liberdade nos alunos indisciplinados (Santos, 2020). No estudo de Matos e Ribeiro (2015), também realizado em Portugal, foram identificados os seguintes obstáculos à disciplina escolar: castigos pouco severos para os alunos indisciplinados; falta de regras padronizadas; falta de formação das assistentes; falta de autoridade das assistentes; origem social e cultural dos alunos; falta de recursos humanos; falta de equipamentos; poucos espaços físicos cobertos.

Na conceção de Santos (2016), as causas da indisciplina escolar não podem ser atribuídas apenas ao meio pedagógico, existindo muitos outros motivos, tais como a ausência de regras em casa, a permissividade dos pais, a desvalorização da relevância da escola e do estudo, entre outras. O autor acrescenta que a indisciplina, por se constituir como um fenómeno tão complexo, não deve ser combatida somente pelos professores e outros membros escolares, como também por outros agentes como os pais/encarregados de educação e a sociedade (p. 10). Assim, é necessário um trabalho conjunto e consensual entre pais, professores, escola, sociedade e alunos para diminuir e erradicar a indisciplina escolar, resultando num processo de ensino-aprendizagem fluido e enriquecedor (p. 11).

Analisando o estudo de Lopes (2012), que teve como objetivo explorar o fenómeno da indisciplina escolar tendo em conta as perspetivas de todos os atores da comunidade escolar (professores, alunos e encarregados de educação), os resultados evidenciaram que: o professor remeteu a indisciplina para a personalidade dos alunos; os alunos referiram, principalmente, comportamentos de distrações e comportamentos de entretenimento, sendo os rapazes mais indisciplinados em comparação com as raparigas; e, por fim, os encarregados de educação apresentaram envolvimento com a educação dos filhos/educandos, predominando o estilo parental autoritário-recíproco (democrático).

As expectativas que os professores têm em relação aos alunos podem causar ou aumentar a indisciplina dos alunos. Estas expectativas dizem respeito a perceções negativas ou positivas

que os professores têm em relação aos alunos, podendo influenciar significativamente a interação professor-aluno, assim como o sucesso escolar (Sá, 2007, p. 15). No estudo de Senos e Diniz (1998), por exemplo, foi verificado que os alunos com pior atitude face ao trabalho escolar, ou seja, mais indisciplinados, possuíam um pior rendimento académico e um pior autoconceito académico, entendendo-se este último como aquilo que o aluno pensa sobre si mesmo, acerca do seu desempenho e rendimento escolar e que lhe é concedido pelas notas que tem e pela atitude que os professores, pais e colegas adotam relativamente a ele.

Conforme referido por Cherng (2017), as crenças dos professores nas capacidades académicas dos seus alunos têm sido consideradas como um fator crucial para o sucesso do aluno; aparecendo associadas às próprias expectativas dos alunos sobre até que ponto eles acham que podem evoluir, condicionando fortemente a sua atitude relativamente à escola (p. 170).

Uma questão bastante polémica e que tem sido alvo de grandes discussões, está relacionada com as expectativas dos professores relativamente a alunos de grupos diferentes, mais concretamente de outras raças ou etnias e imigrantes. De acordo com Senos e Diniz (1998), o grupo com o qual o indivíduo se identifica ou a que pertence pode ser conotado como tendo valor positivo ou negativo, resultando, por sua vez, numa identidade social igualmente positiva ou negativa. Por exemplo, no estudo de Akifyeva e Alieva (2018), foi verificado que as expectativas dos professores face ao desempenho de alunos pertencentes a minorias étnicas e raciais foi menos favorável em comparação aos demais alunos. As baixas expectativas dos professores para com esses grupos de alunos manifestam-se de várias maneiras, incluindo punições mais severas, estereótipos racistas, preconceitos inconscientes e conscientes, negligência e rotulação e segmentação desses alunos em grupos “de baixas capacidades” (Demie, 2022). No estudo de Ramos (2012), por sua vez, foi constatado que o insucesso escolar dos alunos de descendentes de imigrantes (cabo-verdianos) estava ligado a vários fatores tais como o meio onde estão inseridos, a falta de proximidade das famílias em relação à escola dos filhos, o fraco apoio prestado à escolaridade dos mesmos, a falta de ambições académicas e a condições socioeconómicas e financeiras dos pais.

A esse respeito, é de mencionar as investigações de Seabra (2012), realizadas em escolas básicas da Área Metropolitana de Lisboa (AML) com uma significativa presença de alunos de origem cabo-verdiana e indiana, cujos resultados evidenciaram a recorrência de desigualdades escolares relacionadas com a etnicidade. Assim, neste estudo, foi verificado que os alunos de origem cabo-verdiana tinham um percurso escolar bastante marcado pela reprovação e, no referente às provas nacionais, os alunos descendentes de imigrantes apresentaram uma média

de classificações sempre inferior à dos alunos autóctones, em qualquer uma das disciplinas. Foi verificado, igualmente, que ter membros da família nascidos em Portugal pareceu ser um fator vantajoso para os alunos no referente ao desempenho nas provas (Seabra, 2012).

A indisciplina escolar tem várias consequências, sobretudo no que tange ao processo de aprendizagem, pois, conforme referido por Salles (2019) “é impossível haver aprendizagem num ambiente de indisciplina e agressividade.” (p. 19). A indisciplina escolar, sobretudo a que ocorre em sala de aula, constitui uma enorme preocupação para os professores de todo o mundo e contribui significativamente para o aumento de casos de *burnout* em professores. A ocorrência usual deste problema faz com que os professores sintam que não são suficientemente competentes para controlar a sala de aula e promover um ambiente conducente, o que pode levar ao esgotamento (Laradji&Amarouche, 2021).

A indisciplina escolar contribui, igualmente, para uma maior incapacidade dos alunos se concentrarem nas aulas, para a perda das matérias lecionadas e para o aumento da taxa de abandono escolar (Oforiet al., 2018); interferindo significativamente no trabalho do docente, sobretudo na ministração da aula (Rodrigues et al., 2012). As interrupções constantes em sala de aula devido a casos de indisciplina, normalmente causam *stress* nos professores e quebram o fluxo da aula. Assim, o professor pode demorar um pouco para voltar a conseguir retomar a aula e redirecionar a atenção dos alunos para a matéria. Além disso, a perceção dos padrões de comportamento na escola pode igualmente ser diminuída, sobretudo se considerarem as práticas de disciplina do professor insuficientes ou inadequadas. No caso dos alunos que são disciplinados, as recorrentes interrupções, suspensões e tempo perdido em sala de aula por causa do comportamento de alunos indisciplinados, ainda tem consequências mais negativas ao comprometerem a sua aprendizagem e progresso académico (Dinsdale, s.d.).

No estudo de Amaewhule e Nukan-Adebayo (2019) foi verificado que os comportamentos de indisciplina, tais como evasão escolar, *bullying*, atrasos deliberados e barulho influenciaram negativamente o desempenho de alunos do ensino médio. Os resultados do estudo de Steve e Charles (2020) revelaram uma relação negativa entre a indisciplina e o nível de desempenho escolar dos alunos. De acordo com os autores, isto significa que, nas situações em que a escola vivencia um alto nível de indisciplina dos alunos, é expectável que os resultados escolares dos mesmos não sejam favoráveis. Na opinião de Senos e Diniz (1998), os jovens com comportamento considerado desviante, isto é, cujo comportamento se desvia do quadro normativo determinado pela cultura escolar, apresentam frequentemente resultados escolares baixos, o que leva a crer que a indisciplina é um problema educativo relacionado incessantemente a quadros de insucesso escolar (p. 267).

Segundo Okeke (2021), a indisciplina nas escolas tem consequências de grande magnitude que podem afetar todo o sistema escolar, nomeadamente: o encerramento das escolas; o cumprimento ineficaz dos objetivos de ensino e aprendizagem; mau aproveitamento escolar e consequente repetição do ano escolar; suspensão e expulsão dos estudantes (p. 350).

1.2. O papel do professor na gestão da indisciplina na sala de aula

É amplamente reconhecido que a boa disciplina em sala de aula é um fator chave para um ensino eficaz e uma aprendizagem de qualidade, sendo que os professores em geral têm o dever de garantir uma disciplina positiva entre os alunos para que conduzam adequadamente as suas aulas, evitando perdas de tempo e interrupções (Laradji&Amarouche, 2021, p. 177).

Segundo Lopes (2017), os professores devem ter em conta que existem causas para a indisciplina dos alunos que podem ser geridos por eles, e outras causas que eles não podem controlar. A indisciplina em sala de aula não pode ser definitivamente eliminada, sendo que mesmo os professores mais experientes devem, de vez em quando, abordar episódios de indisciplina. Não obstante, na maioria das situações, é possível evitar que a falta de disciplina ocorra ou se torne um problema severo, condicionando o processo de ensino/aprendizagem. Por conseguinte, o professor deve adotar estratégias eficazes e abordar de forma efetiva a indisciplina sempre que esta ocorrer; deve identificar com exatidão as causas deste fenómeno aparecer em sala de aula, quer de forma individual ou coletiva (Lopes, 2017).

No entanto, muitas vezes, a falta de preparação do professor juntamente com a complexidade da situação que envolve a indisciplina, a qual interfere negativamente na sua relação com os alunos, pode levar a que o docente tenha práticas desrespeitosas para com estes. Frequentemente, a indisciplina do discente é tratada com autoritarismo e abuso de poder por parte do docente, resultando num distanciamento no relacionamento professor-aluno (Marrielet al., 2006 citados em Rodrigues et al., 2012, p. 25). Como tal, é de extrema importância que os professores, no âmbito do seu papel na gestão da indisciplina, tenham um bom controlo das situações, conhecimento dos procedimentos da instituição e dos direitos dos alunos e encaminhem o aluno indisciplinado para a área adequada (Rodrigues et al., 2012, p. 28). Na opinião de Rosado (2015), na gestão da indisciplina em sala de aula, os professores devem ter atenção que cada caso é um caso, ou seja, todos os alunos são diferentes, não podendo descurar essa diversidade. Por conseguinte, a utilização das mesmas estratégias pode provocar efeitos adversos, em função do contexto em que são aplicadas. Então, para superar esta situação, o professor deve assumir-se como um ser reflexivo, procurar obter respostas junto de colegas e através de bibliografia de referência e ajustar as estratégias às especificidades da turma. De

ressalvar que o processo de aquisição de regras em sala de aula pode ser demorado e não surtir efeitos de um dia para o outro, sendo mais eficaz quando aplicado logo no início das atividades letivas e trabalhado no decorrer do ano (Rosado, 2015). Na mesma linha de pensamento, Gil (2016) refere que o professor, enquanto principal responsável pelo processo ensino-aprendizagem, assume um papel importante na prevenção da indisciplina, tendo como dever refletir acerca das suas práticas e adequar o seu comportamento e práticas em função do contexto em que se estabelece o relacionamento pedagógico (p. 4).

1.3. A intervenção para a prevenção da indisciplina

Programas de intervenção na indisciplina ou medidas de resposta

Muito embora não existam soluções “milagrosas” para erradicar definitivamente a problemática da indisciplina, sólidos estudos científicos apontam para a eficácia de programas de intervenção (Bradshaw et al., 2010; Mason, 2015; Mahadi& Jalal, 2018).

Belle (2016) realizou um estudo de revisão com o objetivo de identificar as intervenções e estratégias disciplinares mais eficazes adotadas pelas escolas na promoção do comportamento escolar positivo e consequente diminuição de problemas, tais como a indisciplina, o mau comportamento, a violência, o *bullying*, etc. Dentro dessas intervenções/estratégias destacaram-se as seguintes:

i) Pré-correção: é um processo em que o professor/educador ensina expectativas, hábitos de rotina e regras na tentativa de evitar que o aluno tenha comportamentos desadequados. Para que esta estratégia seja eficaz, é importante que se sigam sete passos: a) identificação do contexto do comportamento previsível, b) especificação do comportamento previsível e expectável, c) mudança do contexto da situação, d) ensaiar/treinar o comportamento adequado com os alunos, e) reforçar o comportamento, f) o comportamento esperado deve ser solicitado; g) monitorização de todo o processo;

ii) Efetuar escolhas: nesta estratégia o professor ensina os alunos a fazerem escolhas eficazes e favoráveis no que concerne às atividades do âmbito escolar e aos métodos de ensino. Com efeito, é pedido ao aluno que faça uma escolha com base nas suas opções; caso o aluno, após um determinado tempo, não consiga realizar essa escolha, o professor deve reforçar as suas opções. Ao realizarem este processo, o professor fica a conhecer as suas escolhas e preferências sobre as atividades curriculares e metodologias de ensino, reduzindo a emergência de comportamentos disruptivos.

iii) Autogestão comportamental: a autogestão, tal como o próprio nome indica, é a gestão e a monitorização do próprio comportamento, que inclui estratégias como a definição de metas

e objetivos, a autoavaliação, o autorreforço e a autopunição; tais estratégias devem ser ensinadas aos alunos com o intuito de estes adquirirem consciência do seu comportamento atual e manifestarem comportamentos positivos em termos de comportamento na tarefa e conclusão no trabalho.

iv) Contrato de contingência: esta intervenção requer a estipulação de um contrato comportamental escrito entre o aluno e o professor no que concerne ao comportamento alvo esperado, envolvendo três elementos: a tarefa, a consequência e a ficha de registo. Esta intervenção permite que o professor possa ensinar comportamentos alternativos de substituição e diminuir o comportamento indesejável. Ademais, propicia ao aluno um sentido de propriedade e de responsabilidade pelo seu próprio comportamento.

v) Regras e expectativas de comportamento: as regras proporcionam uma maior organização e consistência, permitindo que o professor mantenha um ambiente de aprendizagem positivo e forneça responsabilidade ética, social e legal. Para que os alunos fiquem cientes das regras, o professor deve: a) ensinar as regras da escola, b) ensinar as regras e expectativas dentro da sala de aula, c) reforçar o comportamento dos alunos que seguem as regras, através de elogios e do reconhecimento, d) reavaliar e supervisionar continuamente as práticas e regras existentes (Belle, 2017, pp. 92-93).

Romo et al. (2017), identificaram um conjunto de estratégias com base em diversos estudos e teorias, dirigidas especificamente a professores para combater os desafios da convivência escolar e promover a disciplina entre os alunos. Essas estratégias foram classificadas em: estratégias de contenção, estratégias de pedagógicas e estratégias de atenção especializada e psicológica, descritas na Tabela 1 (p. 64).

Tabela 1 - Estratégias para combater os desafios da convivência escolar e promover a disciplina

Estratégias de contenção	Estratégias de pedagógicas	Estratégias de atenção especializada e psicológica
Ações/práticas		
- Identificar a falha cometida por parte do aluno e convidá-lo a se comportar de modo diferente; - Alertar a criança acerca do comportamento apropriado a ter quando se relaciona com os pares; - Praticar continuamente e recordar o regulamento que deve ser seguido na aula; - Manter o grupo ocupado, através da realização de atividades.	- Dialogar com o aluno sobre o motivo que o levou a ter determinado comportamento inadequado e explicarlhe que os problemas podem ser resolvidos de forma pacífica, através do diálogo. O professor pode utilizar recursos literários ou artísticos durante esta prática, tais como a narração de contos, rimas, jogos, etc.; - Aplicar estratégias específicas como a revisão ou elaboração coletiva do regulamento da aula; - Fomentar o trabalho colaborativo e a pertença a diferentes grupos (promover a diversidade e a coesão grupal); - Comunicar com os encarregados de educação para que forneçam apoio nas tarefas escolares do aluno (os pais devem ser regularmente informados sobre o comportamento dos seus filhos para que reforcem certas competências e atitudes em casa); - Consultar e solicitar apoio a colegas docentes, de forma a partilharem pontos de vista e recorrerem a estratégias que outros tenham adotado face a casos semelhante.	- Solicitar e procurar apoio especializado (em certos casos é necessário um apoio especializado, por exemplo, através do encaminhamento para psicólogos).

Fonte: Romo et al. (2017, p. 64).

Programas de prevenção da indisciplina escolar

Tal como os programas de intervenção, vários estudos mostraram a eficácia dos programas de prevenção da indisciplina escolar.

No parecer de Matos e Ribeiro (2015), a prevenção da disciplina escolar implica, entre muitas outras questões, a formação de regras homogêneas e padronizadas; o desenvolvimento de espaços agradáveis e equipamentos adequados; uma monitorização efetiva em conjunto com o envolvimento dos pais/encarregados de educação, assim como com outros membros da comunidade. Os autores acrescentam que é igualmente importante incluir os alunos nas decisões da escola, isto é, “dar voz” aos alunos na definição das regras, num processo de democratização da escola, fazendo com que seja mais fácil o cumprimento dessas mesmas regras por parte destes (p. 187).

Analisa-se o estudo de Martins (2014) que teve como finalidade implementar um programa de intervenção comportamental (*Positive BehavioralSupportSystem- PBS*) para prevenir a violência e a indisciplina em contexto escolar, com alunos do ensino básico. Esse programa engloba intervenções comportamentais positivas, com as quais se tem o objetivo de atingir uma mudança comportamental significativa. O PBS permite à escola, enquanto instituição, otimizar a capacidade de educar todos os alunos, recorrendo, como tal, à pesquisa e a intervenções generalizáveis a toda a escola, passíveis de ser operacionalizáveis na sala de aula, em pequenos grupos ou, ainda, intervenções mais individualizadas. O PBS permite, igualmente, dar resposta às necessidades comportamentais de todos os alunos, uma vez que as estratégias são fáceis de implementar; permite à escola ajustar os comportamentos em função das características dos diversos contextos; implementar um plano que não requer recursos significativos, sendo exequível; ajuda a formar um clima escolar pautado pela positividade (p. 32). As intervenções comportamentais que têm como base o PBS, são operacionalizadas mediante três níveis diferentes que têm como objetivo fulcral a prevenção dos problemas de comportamento como também a minimização do impacto e da intensidade da sua frequência (Henriques, 2011):

1- Prevenção primária- é dirigida a todos os alunos e envolve a família, a escola e os membros da comunidade.

2- Prevenção secundária- é constituída por estratégias dirigidas a uma parcela sensivelmente pequena de alunos que precisam mais do que o apoio proporcionado pela prevenção primária para o seu sucesso social na escola; as intervenções secundárias são normalmente caracterizadas por usarem procedimentos mais intensivos e focados que requerem uma maior atenção dos adultos e um maior acompanhamento, sem exclusão da família que tem um papel fundamental.

3- Prevenção terciária- requer uma intervenção profundamente individualizada, apoios intensivos e a intervenção de diversos técnicos. É direcionada a alunos cujos comportamentos não surtiram resposta às intervenções primária e secundária. (p. 35).

Os resultados de Martins (2014), mostraram, então, que o PBS teve resultados bastante positivos na resolução de problemas de comportamento escolar, nomeadamente na indisciplina.

No âmbito da prevenção da indisciplina escolar, destaca-se o modelo de Curwin e Mendler (2001) chamado de “Modelo da Dignidade”, baseado na responsabilidade e na consequência, em oposição aos modelos baseados no castigo e na obediência. Na perspetiva dos autores, os problemas da indisciplina surgem quando os alunos não sentem qualquer vínculo com os conteúdos ministrados em aula, quando percebem que não são capazes de obter sucesso ou quando se sentem pouco valorizados (Gil, 2016, p. 64). O modelo de Curwin e Mendler (2001) não tenciona somente minimizar os incidentes causados pela indisciplina, como também garantir que as estratégias de gestão adotadas em sala de aula não levem também à diminuição da motivação e da aprendizagem dos alunos. Ao se focar na prevenção e não na reação às ruturas, o modelo não põe de parte a necessidade de consequências no caso de desrespeito às regras. Não obstante, na conceção dos autores, o objetivo das consequências não é propriamente aplicar castigos e punições, mas sim reforçar o consenso do sistema de valores para motivar os alunos a serem mais responsáveis e a aprenderem a efetuar melhores escolhas (Curwin&Mendler, 1988 citados em Correia, 2019, p. 262).

Silva (2020) sugere algumas estratégias/medidas da prevenção da indisciplina dentro do espaço escolar, tais como: a definição clara, objetiva e partilhada das normas e regras a aplicar dentro da escola; a interiorização correta dessas normas e regras, não apenas por parte dos alunos como também de todos os agentes educativos; a criação de assembleias de alunos, de turma e de escola (uma vez que estes espaços servem de encontro e de partilha entre todos os membros da comunidade educativa); a vigilância constante e a oferta diversificada de atividades e brincadeiras enriquecedoras no recreio- esta medida é muito importante, pois os recreios são muitas vezes locais vastos e isolados, onde o aluno passa maioritariamente o seu tempo livre. Não raras vezes, a falta de supervisão nos recreios, assim como a falta de atividades oferecidas aos alunos, pode levar a comportamentos disruptivos tais como a segmentação das relações entre pares, entre muitos outros (pp. 16-17).

No estudo de Pinto (2014), por sua vez, foram referidas as seguintes estratégias de prevenção da indisciplina na sala de aula por parte dos professores: a plena ocupação dos alunos, a motivação dos alunos e a manutenção de um bom relacionamento com os alunos. De mencionar que a plena ocupação dos alunos foi a estratégia mais referida entre os professores,

uma vez que estes consideraram que se os alunos estiverem ocupados durante a realização das tarefas, terão menos tempo para originar situações de conflito (p. 94).

Abordagens diversificadas de intervenção

De forma a diminuir/prevenir a indisciplina e o mau comportamento escolar, outras abordagens têm sido estudadas. De ressaltar os programas de Aprendizagem Socio-emocional ou SEL (*Social-Emotional Learning*). O modelo SEL reporta-se, na globalidade, aos programas que promovem o desenvolvimento integrado e interrelacionado de competências cognitivas, emocionais e sociais, categorizadas em cinco domínios principais: i) autoconhecimento; ii) autogestão; iii) consciência social; iv) relação interpessoal; v) tomada de decisão responsável. Os programas de Aprendizagem Socio-emocional (SEL) em contexto escolar aparecem, deste modo, como um dos quadros de referência para a promoção da saúde mental neste espaço, ajudando na diminuição da violência, do *bullying*, da indisciplina, entre outros comportamentos negativos (Educação para a Cidadania, s.d.).

De acordo com a Direção-Geral da Saúde (DGS, 2015), as crianças e jovens com boas competências socio-emocionais têm melhores resultados escolares, mais sucesso académico, melhores relações com os pares e adultos, adaptam-se emocionalmente melhor a situações de *stress* e têm melhor saúde mental. Alguns estudos feitos em contexto escolar, as competências socio-emocionais foram consideradas como um fator de proteção, sobretudo no que concerne a comportamentos de risco (Panayiotou et al., 2019). Alunos com maiores competências socio-emocionais apresentam uma maior ligação à escola, na medida em que tendem a gerir melhor as emoções e os comportamentos e a adaptar-se com maior facilidade às exigências da escola, obtendo assim experiências escolares mais positivas (Allen et al., 2017). Os alunos com competências socio-emocionais mais desenvolvidas, sentem-se mais confortáveis no ambiente escolar devido à sua capacidade de controlar as emoções e, também, porque se sentem mais apoiados pelos professores e colegas (Panayiotou et al., 2019).

Os programas de Aprendizagem Socio-emocional assentam numa perspetiva sistémica, isto é, a promoção de competências socio-emocionais não deverá acontecer apenas em sala de aula, mas também ao nível de toda a comunidade escolar e familiar. Em sala de aula, este tipo de intervenção pode englobar atividades de instrução, de modelagem e de execução prática, passíveis de ser dirigidas por professores com formação adequada. Pode, igualmente, estar integrada no currículo de várias disciplinas. A intervenção ao nível da escola tem como finalidade a criação de um clima e de uma cultura positivos, nomeadamente por meio de normas e práticas disciplinares claras e justas, do desenvolvimento de grupos de reflexão e da

estruturação de serviços de apoio dirigidos aos alunos, compostos por diversos profissionais, mas sobretudo pelos serviços de psicologia enquanto serviços de apoio especializado. De mencionar que devem ser feitas parcerias com as famílias e com outras estruturas comunitárias, o que se revela importante para o reforço e adoção de práticas recorrentes de promoção de competências socio-emocionais. Assim, essas práticas devem ocorrer não apenas em sala de aula, mas também no ambiente familiar da criança/jovem e em atividades extracurriculares (Ordem dos Psicólogos, s.d.).

Normalmente, as intervenções SEL são aplicadas por professores e por outros profissionais da comunidade educativa. Os programas de Aprendizagem Socio-emocional dirigidos especificamente a professores, treinam-nos para apoiarem mais emocionalmente os seus alunos ou para utilizarem estratégias disciplinares positivas de forma a atender às necessidades dos mesmos. Estas estratégias, por sua vez, aumentam o desenvolvimento das competências dos alunos (Allen et al., 2011 citados em Coelho et al., 2016, p. 65).

A utilização de intervenções de educação socio-emocional em escolas, tem sido associada a resultados positivos, tais como a melhoria do desempenho académico e de competências emocionais, a redução dos níveis de *stress* e de problemas de comportamento, nomeadamente a violência e a indisciplina (Durlak et al., 2011). Os programas SEL, quando implementados de modo eficaz, trazem melhorias significativas e possivelmente duradouras em muitas áreas da vida das crianças. Estudos realizados comprovam que o desenvolvimento e a implementação de programas SEL em idades precoces são eficazes quer na aprendizagem, quer no clima escolar, relacionamentos, entre outros (Calhoun et al., 2020; Kim et al., 2022). Assim, as crianças demonstram diminuição de problemas de comportamento, desenvolvendo o comportamento pró-social (CASEL, 2020). A implementação deste tipo de programas, como é de esperar, também traz vantagens aos professores, na medida em que estes, entre outros aspetos, ficam menos propensos a sofrer *burnout* e à desmoralização em aulas onde que têm de lidar com mau comportamento, sobretudo onde há violência e agressão contra eles mesmos ou contra outros alunos (Dinsdale, s.d.).

Capítulo II- Metodologia

No presente estudo foi utilizada uma metodologia empírica qualitativa. De acordo com a tipologia de Montero e León (2007), a metodologia empírica qualitativa compreende estudos produzidos sob a visão epistemológica do subjetivismo (abordagens fenomenológicas, interpretativas ou críticas). Os estudos de natureza qualitativa são aqueles em que os dados não estão na forma de números, ao contrário dos estudos de natureza quantitativa, carecendo de análise estatísticas, sendo normalmente utilizados para explorar comportamentos, perspectivas, sentimentos e experiências dos indivíduos. De acordo com Mohajan (2018, p. 1), durante os últimos anos a utilização da metodologia qualitativa por parte de muitas instituições tem aumentado significativamente, na medida em que esta pode ser usada para explorar diversas áreas do comportamento humano para o desenvolvimento de organizações/instituições.

Questão de investigação

Partiu-se da seguinte questão de investigação: “Do ponto de vista do aluno descendente de imigrantes cabo-verdianos que perfil deve ter o professor na prevenção e resolução de atos indisciplinados na sala de aula?”

Objetivos

O objetivo central deste estudo consistiu em explorar qual o perfil e as competências do professor na prevenção da indisciplina, do ponto de vista do aluno descendente cabo-verdiano em Portugal.

No que concerne aos objetivos específicos, foram definidos os seguintes:

1. Verificar qual a opinião/ponto de vista do aluno sobre o comportamento indisciplinado (seu e dos colegas);
2. Verificar qual a opinião/ponto de vista do aluno acerca do melhor perfil do professor na prevenção e na resolução de atos de indisciplina que ocorrem em sala de aula;
3. Identificar procedimentos dos docentes que poderão contribuir para a redução do comportamento de indisciplina dos alunos de origem cabo-verdiana.

Participantes

Participaram neste estudo oito crianças (n=8) descendentes de imigrantes cabo-verdianos, com idades compreendidas entre os 10 e os 14 anos (média de idades = 11,5). A Tabela 2 apresenta a caracterização dos entrevistados (identificação do aluno, idade, sexo, escolaridade e nº de reprovações). É possível verificar que a maioria se encontra no 6º ano do ensino básico, é do género masculino e nunca reprovou.

Tabela 2 - Caracterização dos participantes

Variáveis				
Aluno	Idade	Sexo	Escolaridade	Nº de reprovações
M13	13	Masculino	7º ano	0
D10	10	Masculino	6º ano	0
T11	11	Masculino	6º ano	0
T12	12	Masculino	6º ano	0
M14	14	Feminino	8º ano	0
N11	11	Masculino	5º ano	0
V11	11	Feminino	5º ano	2
G10	10	Masculino	6º ano	0

Fonte: Autoria própria

Recolha de dados

A recolha dos dados ocorreu num centro de estudos da AML. A recolha ocorreu de forma presencial, entre os dias 4 e 12 de outubro de 2022, no horário compreendido entre as 16h30 e as 18h30.

Como instrumento de recolha de dados foi escolhida a entrevista estruturada ou diretiva. A entrevista é uma das técnicas mais utilizadas em trabalhos científicos, permitindo ao investigador conseguir uma quantidade muito grande de informação e de dados, os quais permitem um trabalho muito rico (Júnior & Júnior, 2011, p. 37). Esta técnica qualitativa tem vindo a ser utilizada como uma técnica essencial de investigação nas mais variadas áreas. De referir que a entrevista se diferencia do questionário, uma vez que são técnicas distintas. No questionário, ao contrário da entrevista, as questões são fechadas e estruturadas. Porém, pode-se alegar que a entrevista apresenta vantagens em comparação ao questionário, pois permite obter um maior número de respostas, uma maior riqueza de dados e tem um carácter mais flexível (Batista et al., 2017, p. 27).

As entrevistas podem ser divididas em várias tipologias, sendo as mais comuns a entrevista estruturada, a entrevista semiestruturada e a entrevista não estruturada. No presente estudo foi utilizada a entrevista estruturada. Na entrevista estruturada, as perguntas são definidas previamente e seguem uma dada ordem; contêm uma série de categorias ou opções para que o participante possa escolher, sendo aplicadas de forma mais rigorosa (Díaz-Bravo et al., 2013, p. 163).

No que diz respeito à estruturação e conceção dos guiões das entrevistas utilizadas neste estudo, foram definidos primeiramente os objetivos e depois foram identificados os temas importantes a serem abordados. Elaboraram-se, de seguida, os tópicos de perguntas a realizar, para cada objetivo. Resultaram daqui as matrizes de objetivos das entrevistas (Anexo A) que estiveram na base da construção dos guiões das mesmas (Anexo B).

De referir que as entrevistas foram bem descontraídas e realizadas de forma individual; os alunos estiveram sempre bem-dispostos e responderam com entusiasmo a todas as perguntas colocadas. No final das entrevistas, as mesmas foram gravadas para um documento *word*. As transcrições das entrevistas dos alunos encontram-se no Anexo C.

Análise de dados

Os dados recolhidos foram submetidos a análise de conteúdo de forma a extrair informação relevante. Na análise de conteúdo, o investigador procura compreender as características, estruturas ou modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens tornados em consideração (Câmara, 2013, p.182). O objetivo central da análise de conteúdo é identificar temas ou categorias relevantes dentro de um corpo de conteúdo e fornecer uma descrição rica da realidade social criada por esses temas/categorias, à medida que são vividos num ambiente específico. Mediante uma preparação, codificação e interpretação de dados criteriosa, os resultados da análise de conteúdo podem apoiar o desenvolvimento de novas teorias e modelos, assim como validar teorias já existentes e fornecer descrições robustas de fenómenos em específico (Shava et al, 2021, p. 557). A análise de conteúdo apresenta-se como uma técnica bastante utilizada e importante na investigação educacional, em especial nas análises qualitativas (Palmeira, 2020, p. 28).

No presente estudo foi feita a análise de conteúdo de acordo com Bardin (2011). Assim, este processo compreendeu três fases:

1. Pré-análise, que compreendeu a fase de organização do material e a “leitura flutuante”, ou seja, o primeiro contacto com as entrevistas submetidas a análise

procurando uma primeira impressão das mensagens nelas contidas, procurando significados relevantes; assim como a transcrição e revisão das mesmas;

2. Exploração do material- envolveu a seleção de unidades de análise, ou seja, escolher dentro das entrevistas, palavras, frases e temas que interessavam para a investigação, considerando cada acontecimento, objeto ou personagens passíveis de influenciar a análise, criando, assim, categorias (categorização);
3. Tratamento dos resultados- fase de inferências e interpretação dos resultados.

Para a elaboração da análise de conteúdo das entrevistas foi elaborada uma matriz (Anexo D) de acordo com Bardin (2011), composta 3 itens. Assim, na coluna “Categorias” foram agrupados os temas centrais tratados na entrevista, agrupando-se tudo o que o entrevistado tratou a seu respeito; na coluna “Unidade de Registo” foram organizados os segmentos de conteúdo a considerar como unidades base, optando-se por fazer recortes com base nos temas tratados na entrevista; na coluna “Unidades de contexto” encontram-se as perguntas colocadas pelo entrevistador e algumas das respectivas respostas obtidas. No capítulo seguinte são apresentados os resultados de acordo com a matriz efetuada.

Capítulo III- Resultados e Discussão

3.1. O que pensam os jovens sobre a indisciplina nas suas escolas

Neste tópico encontram-se as categorias que abordam o que os alunos entendem por indisciplina e o tipo de ocorrências que estes referem.

Presenciar e identificar comportamentos de indisciplina (colegas)

Relativamente à categoria “presenciar e identificar comportamentos de indisciplina em sala de aula por parte dos colegas”, todos os participantes responderam que presenciaram tais comportamentos. No que concerne à identificação desses comportamentos, os mais frequentemente reportados foram “falar/conversar” (e.g.: da matéria), “fazer brincadeiras”, “bater”, “chutar cadeiras” e “mexer no telemóvel”. Um dos alunos referiu que há muitos alunos que têm mau comportamento durante a aula (mexem no telefone), sendo que a professora se apercebe desse comportamento. Outro aluno referiu que os colegas conversam frequentemente, e ainda outro reportou que um deles fala crioulo para fazê-los rir, e que a turma efetivamente fala muito durante as aulas.

Outras situações de indisciplina (pessoal ou com colegas)

Quando questionados sobre a existência de outras situações de indisciplina que tenham presenciado ou que tenham passado, a maioria dos participantes respondeu que sim. Em relação aos comportamentos, os alunos referiram os seguintes: “interromper o professor”, “falar palavras não apropriadas”, “interromper a aula”, “levantar do lugar” e “avisar para estar mais atento”. Por exemplo, uma das entrevistadas mencionou que há uma colega que costuma interromper a professora falando guineense, de modo que esta não entenda o que ela está a dizer. Referiu, ainda, que outros poem-se a falar durante a aula, proferindo palavras não adequadas ao contexto. Um dos entrevistados referiu que, por vezes, os colegas se levantam do lugar na aula, dão chutos nas cadeiras, fazendo com que o professor fique irritado e lhes marque falta disciplinar. Outro dos entrevistados referiu que o professor apenas o chamou a atenção para melhorar a letra e para estar mais atento.

Perceção do aluno sobre o seu próprio comportamento em aula

Relativamente à opinião do aluno sobre o seu comportamento na sala de aula, se considerava ter bom comportamento ou não, a maioria respondeu que considerava ter entre bom e muito bom comportamento. Apenas três alunos consideraram que eram “mais ou menos bem-

comportados (médios). Um dos entrevistados mencionou que classificava o seu comportamento como bom devido a não interromper a professora como os outros costumavam fazer; outros dois referiram que falavam de mais, daí classificarem o seu comportamento como bom; outro entrevistado mencionou ainda que o seu comportamento é muito bom, no sentido em que a professora lhe dizia isso durante todo o ano; por fim, um deles relatou que apesar de ser bem-comportado, distrai-se algumas vezes, mas que está a fazer um esforço para modificar esse comportamento.

Perceção do aluno sobre o conceito de indisciplina

No que diz respeito à visão do aluno acerca do que ele entende por indisciplina, as respostas foram as seguintes: “não fazer o que o professor pede”, “desrespeitar o professor e os colegas (gritar, falar alto, insultar, bater)”, “fazer brincadeiras em alturas impróprias”, “não prestar atenção à aula”, “ter mau comportamento”, alunos que veem os pais a fazer a mesma coisa e copiam o comportamento na escola”, alunos que “não lhe ensinaram boas maneiras em casa”. Por exemplo, um dos entrevistados referiu que definia indisciplina como as atitudes que um determinado aluno tem quando falta ao respeito aos outros, sobretudo ao professor, fazendo o que lhe apetece nas aulas, como se fosse ele a “mandar”.

Estes resultados sugerem que os participantes sabem reconhecer os principais comportamentos típicos da problemática da indisciplina. Também no estudo de Ribeiro (2015) os resultados mostraram que os comportamentos mais frequentes de indisciplina na escola incluíram: não aceitar ordens; gritar; correr no *hall*; agredir os colegas; gritar; e gozar com os adultos e com os colegas. Semelhantemente, no estudo de Okeke (2021), os resultados revelaram que dos comportamentos mais comuns de indisciplina entre alunos fizeram parte: fazer *bullying* ou bater nos colegas, não realizar as tarefas propostas pelos professores e não cumprir o regulamento da escola. Os comportamentos mencionados nesses estudos são idênticos aos comportamentos de indisciplina relatados pelos participantes do presente estudo.

Assim, de um modo geral, observa-se que os participantes sabem definir e identificar os comportamentos típicos da indisciplina, tanto neles como nos outros. A perceção do próprio comportamento foi positiva, uma vez que a maioria referiu que considera ter bom comportamento. Porém, foram referidos alguns pontos a melhorar nesse quesito, nomeadamente conversar menos e ter mais atenção durante as aulas.

3.2. Como entendem que as situações de indisciplina devem ser resolvidas

Neste tópico encontram-se as categorias que abordam a forma como os alunos entendem que as situações de indisciplina devem ser resolvidas e como devem têm sido feitas.

Forma de atuação do professor face à indisciplina

Em relação ao modo como o professor atuou perante a indisciplina, os participantes reportaram os seguintes procedimentos/comportamentos por parte deste: “ficar chateado”, “gritar”, “avisar várias vezes o aluno”, “aplicar castigos” (ex.: ficar uma hora a escrever regras; mandar para a sala dos alunos malcomportados; levar recado na caderneta para os pais; mandar sair da sala; levar falta disciplinar), “ficar sentado e aguardar até o aluno se calar” para prosseguir com a matéria. Mais do que um participante referiu que, face aos comportamentos de indisciplina, o professor adverte os alunos e depois faz participação na caderneta. Um dos entrevistados referiu que o professor direciona os alunos para uma sala específica para “alunos malcomportados”, na qual estes permanecem durante algum tempo a redigir regras e normas da escola. Acrescenta, ainda que, mesmo depois de a professora falar com os pais, os alunos voltam a ter o mesmo comportamento indisciplinado. Na mesma ordem de ideias, outro dos participantes referiu que o professor manda os alunos para fora da sala, no entanto quando estes regressam voltam a repetir o mesmo comportamento.

Opinião do aluno sobre a forma de atuação do professor

A maioria dos alunos referiu não considerar que a forma como o professor atuou face à indisciplina tenha sido a melhor. Quando questionados pelos motivos, eles referiram que o professor deveria falar com os pais de modo a perceber se o aluno estava com algum problema; deveria enviar o aluno para a Direção em vez de “o colocar na rua”; deveria falar com o aluno e tentar entender as razões do seu comportamento; e não deveria gritar. Um dos entrevistados relatou que a forma de atuação do professor não foi a melhor - referindo-se a este enviar os alunos para a sala dos alunos “malcomportados” - uma vez que ficam lá a fazer *bullying* uns com os outros. Outro entrevistado relatou que, os colegas indisciplinados voltaram a repetir o comportamento que os levaram a serem punidos, dando a entender que tais punições não resolveram o problema. Apenas um entrevistado referiu que a forma de atuação do professor foi correta, pois, de acordo com o mesmo, quando o professor diz que vai enviar recado na caderneta os alunos deixam de conversar.

Opinião do aluno sobre a melhor forma de evitar a indisciplina

No que diz respeito à opinião acerca da melhor forma do professor evitar a indisciplina, grande parte dos alunos mencionaram “falar com os pais” (de modo a tentar perceber o problema dos alunos), apesar de um dos participantes referir que o professor já costuma fazer isso.

Também reportaram a esse respeito que, o professor deveria conversar mais com os alunos, de forma a tentar entender a razão do mau comportamento; não ignorar o que o aluno diz, mas ao invés disso ir à diretora e avisar os pais sobre o mau comportamento; dar-lhes mais espaço para falarem, motivá-los através de chamadas de atenção para obterem boas notas; e falar diretamente com o aluno sempre que houvesse uma confusão. Por fim, um dos entrevistados referiu não saber qual a melhor forma de evitar a indisciplina, mas que na opinião dele, o melhor seria pedir ao aluno para se calar e conversarem depois (aluno e professor).

Os resultados mostraram que alguns alunos consideram que os alunos indisciplinados se comportam dessa forma porque veem os pais a ter esse tipo de comportamento, reproduzindo-o na escola. De facto, a literatura mostrou que os pais têm uma grande influência no comportamento escolar dos filhos (Yigzaw, 2019; Imbogo&Flora, 2018). O fracasso por parte dos pais em ensinar disciplina de forma correta aos seus filhos, é identificado na literatura como um dos maiores causadores dos problemas disciplinares nas escolas. É importante que estes se envolvam nas práticas disciplinares dos seus filhos, comunicando-se adequadamente com os professores e outros agentes educativos, apoiando e recompensando os seus filhos sempre que estes apresentarem comportamentos positivos (Dieu& Andala, 2021).

Os resultados mostraram também, que os participantes foram quase unânimes ao considerar que o professor deve informar os pais do sucedido e falar com eles, assim como conversar mais com os alunos, de forma a tentar entender a razão do mau comportamento e dar-lhes mais espaço para falarem, o que responde ao segundo objetivo específico: ii) verificar qual a opinião/ponto de vista do aluno acerca do melhor perfil do professor na prevenção e na resolução de atos de indisciplina que ocorrem em sala de aula

Um dos alunos referiu, igualmente, que o professor devia motivar os alunos e outro mencionou, ainda, que este devia mandá-los para a Direção. Assim, estas respostas vão, em grande parte ao encontro das estratégias para combater os desafios da convivência escolar, e promover a disciplina propostas por Romo et al. (2017). De acordo com estes autores, algumas das estratégias pedagógicas adotadas pelos professores no combate à indisciplina consistem em dialogar com o aluno sobre o motivo que o levou a ter determinado comportamento inadequado

e comunicar com os encarregados de educação para que forneçam apoio. Em consonância com o trabalho de Seabra et al. (2002), o professor, pelo papel essencial que detém na maior ou menor intensidade dos comportamentos divergentes ocorridos em sala de aula, deve saber ouvir, dialogar, respeitar e compreender os seus alunos; deverá, igualmente, promover a participação destes nas normas e regras estabelecidas na sala de aula, evitando o autoritarismo, sem necessariamente ficar indiferente aos comportamentos de indisciplina que vão ocorrendo.

A motivação é igualmente um aspeto importante, pelo que, frequentemente um professor desmotivado transmite esse sentimento para os alunos, fazendo com que eles deixem de se sentir atraídos pela matéria, tornando-se mais indisciplinados (Vasconcelos, 2015).

Os estudantes mencionaram, igualmente, que as práticas do professor face a situações de indisciplina consistiam em ficar chateado, gritar, fazer várias advertências ao aluno, aguardar sentado até o aluno se calar e aplicar sanções. Segundo a literatura, este tipo de atitudes/práticas por parte dos docentes não são as mais adequadas para lidar com os casos de indisciplina. Segundo Marriel et al. (2006 citados em Rodrigues et al., 2012, p. 25), a falta de preparação do professor juntamente com a complexidade da situação que envolve a indisciplina, pode levar a que o docente tenha práticas desrespeitosas para com estes. Neste caso, o ato de gritar com os alunos, referido com um dos comportamentos adotados pelo professor, pode agravar ainda mais a situação, resultando num distanciamento no relacionamento entre o professor e o aluno. Assim, conforme referido por Rodrigues et al. (2012), é importante que os professores tenham um bom controlo das situações no contexto de gestão da indisciplina em sala de aula. Em relação aos castigos e punições, o modelo de Curwin e Mendler (2001), chamado de “modelo da Dignidade”, usado na prevenção da disciplina escolar, baseia-se na responsabilidade e na consequência, em oposição aos modelos baseados no castigo e na obediência. Segundo este modelo, o aluno deve ter consequências pelos seus atos, mas estas não devem consistir em aplicar castigos e punições, mas sim reforçar o consenso do sistema de valores para motivá-los a serem mais responsáveis e a aprenderem a efetuar melhores escolhas (Curwin&Mendler, 1988 citados em Correia, 2019, 262).

No respeitante ao terceiro objetivo específico, iii) identificar procedimentos dos docentes que poderão contribuir para a redução do comportamento de indisciplina dos alunos, os dados das entrevistas indicaram que práticas como conversar com os pais, conversar com os alunos, dar-lhes espaço para exporem a sua opinião e motivá-los constantemente podem ser bastante úteis.

Assim, dando resposta ao objetivo central do estudo, do ponto de vista dos alunos descendentes cabo-verdianos de Portugal, na prevenção da indisciplina, o professor deve ter um

perfil adequado, possuindo competências de escuta, para ouvir os problemas dos alunos quando estes apresentam problemas de comportamento na aula; competências de motivação, elogiando-o e recompensando-o frequentemente; adverti-lo sempre que necessário, evitando usar castigos muito severos; competências de relacionamento, de forma a criar um clima de proximidade e de confiança com os seus alunos. Deve, igualmente, comunicar frequentemente com os pais, colocando-os a par dos problemas existentes em sala de aula e promovendo o seu envolvimento com as atividades escolares dos seus filhos.

Conclusões

A indisciplina é uma preocupação de todos os agentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. É um tema que tem gerado grandes debates e discussões na área educacional, tendo por base diversos fatores.

As causas da indisciplina são de vários tipos, podendo estar relacionadas a fatores sociais, pessoais e/ou escolares (Monteiro et al., 2015), entre outros. Um dos fatores que pode levar a uma maior indisciplina em sala de aula tem a ver com as expectativas dos professores face aos alunos, expectativas essas muitas vezes baseadas em preconceitos e estereótipos. No caso dos alunos descendentes imigrantes ou filhos de imigrantes, sobretudo aqueles pertencentes a grupos nacionais e étnicos minoritários, são alvo de baixas expectativas dos professores, sobretudo no que concerne ao desempenho (Akifyeva e Alieva; 2018; Cate&Glock, 2018; García-Fernández et al.,2021).

As consequências da indisciplina são muito sérias e incluem a diminuição do desempenho escolar (Steve&Charles, 2020), o aumento de casos de *burnout* em professores (Laradji&Amarouche, 2021), o aumento da taxa de abandono escolar (Oforiet al., 2018) e até o encerramento da escola em última instância (Okeke, 2021).

No âmbito da gestão da indisciplina, o papel do professor é bastante importante. Por conseguinte, os professores devem garantir uma disciplina positiva entre os alunos para que possam conduzir as suas aulas de forma adequada e eficaz (Laradji&Amarouche, 2021), através de diversas estratégias e procedimentos. No entanto, a gestão da indisciplina deve ser analisada e realizada em conjunto com a família, escola e comunidade, não podendo recair toda a responsabilidade desta problemática no professor (Santos, 2016).

Sabe-se que, os alunos descendentes de imigrantes enfrentam diariamente vários desafios, e um deles diz respeito às menores expectativas dos professores em relação aos alunos *negros*, mesmo quando estes têm um bom nível escolar, e o tratamento menos positivo, ou ignorância, felicitando-os menos e criticando-os mais do que os brancos (Rubovits&Maehr,1973 citados em Van Zanten 1996b, p. 133).

Na presente pesquisa, procurou-se compreender as perspetivas dos alunos descendentes de imigrantes acerca do que consideram dever ser o perfil e as competências necessárias do professor, na prevenção e resolução dos atos da indisciplina que acontecem dentro da sala de aula. Considerou-se importante entender como os principais atores da indisciplina (alunos) veem e experienciam a problemática da indisciplina. Pretendeu-se, também, identificar o que uns e outros consideram ser um comportamento indisciplinado. Enquanto futuros docentes,

considerou-se bastante relevante entender como os profissionais gerem estas ocorrências no decorrer da sua prática pedagógica.

De forma a dar resposta aos objetivos determinados, foi realizado um estudo qualitativo, centrado na análise do discurso dos alunos descendentes de imigrantes cabo-verdianos de um centro de aprendizagem que presta serviços educacionais e psicopedagógicos, reunidos através de entrevistas estruturadas.

Os resultados obtidos revelaram que, de uma forma geral, os comportamentos dos professores face a situações de indisciplina experienciados por estes alunos não são propriamente os mais adequados. Quando questionados pelos motivos, estes referiram que o professor deveria falar com os pais, de modo a perceber se o aluno estava com algum problema; deveria enviar o aluno para a Direção em vez de “o colocar na rua”; deveria falar com o aluno e tentar entender as razões do seu comportamento; e que não deveria gritar. No que diz respeito à opinião acerca da melhor forma do professor evitar a indisciplina, referiram, sobretudo a de “falar com os pais”.

A trajetória realizada na literatura acerca do fenómeno mostrou que o professor deve ter um bom controlo das situações, evitando gritar ou tratar o aluno com autoritarismo, o que pode prejudicar significativamente o relacionamento com este. Além disso, simplesmente castigar ou punir o aluno não irá ajudar resolver o problema do comportamento indisciplinado. Foi possível perceber, mediante as respostas dadas nas entrevistas, que os alunos sabem perfeitamente identificar os comportamentos indisciplinados, assim como os comportamentos que esperam que o professor tenha em situações de indisciplina.

Em sùmula, este estudo procurou “dar voz” aos alunos descendentes de imigrantes cabo-verdianos, explorar quais as suas opiniões e visões sobre a indisciplina e a forma como eles consideram que o professor deve atuar face a esta problemática.

No que se refere às contribuições do estudo, este contribuiu para conhecer melhor a realidade de alunos descendentes de imigrantes, permitindo um maior entendimento sobre a forma de atuação dos professores em situações de indisciplina. Apesar de existirem vários estudos sobre o tema da indisciplina na escola, são poucos aqueles que abordaram o tema na perspetiva do aluno e, sobretudo, do que é descendente de imigrantes cabo-verdianos. Assim, este estudo pretende contribuir também para o enriquecimento da literatura neste campo. Espera-se, igualmente, que este possa contribuir para uma reflexão sobre a indisciplina em alunos dos 2º e 3º Ciclo do ensino básico, de forma a prevenir e intervir na indisciplina e que possa servir de base para novas intervenções.

Entende-se que o reduzido número de alunos inquiridos limita as conclusões a retirar e, por isso, sugere-se o alargamento do universo, com alunos de outras idades, de vários tipos de escolas e de outras realidades socioculturais, económicas e geográficas, uma vez que se acredita que os resultados irão espelhar as *nuances* das diversas realidades, pois a indisciplina será possivelmente experienciada e interpretada de modo diferente, em função dos contextos de vida. Também poderá ser interessante a realização de um estudo para entender a perceção dos professores de alunos descendentes de imigrantes acerca do problema da indisciplina entre este grupo. Por fim, sugere-se a adoção de uma abordagem quantitativa, pois poderá fornecer relações de associação entre diferentes variáveis. Por exemplo, seria interessante analisar o impacto das expectativas dos professores na indisciplina do aluno descendente de imigrantes ou efetuar um estudo comparativo entre alunos descendentes de imigrantes e alunos nativos no respeitante às expectativas dos professores sobre o comportamento indisciplinado.

Bibliografia

- Akifyeva, R., & Alieva, A. (2018). The influence of student ethnicity on teacher expectations and teacher perceptions of warmth and competence. *Psychology in Russia: State of the Art*, 11(1), 106-124. <https://doi.org/10.11621/pir.2018.0109>
- Allen, J. P., Pianta, R. C., Gregory, A., Mikami, A. Y., & Lun, J. (2011). An interaction-based approach to enhancing secondary school instruction and student achievement. *Science*, 333(6045), 1034-1037. <https://doi.org/10.1126/science.1207998>.
- Amaewhule, B., & Nukan-Adebayo, R. (2019). Perceived Influence of students' Indiscipline on Academic Performance in Senior Secondary Schools in Rivers State. *International Journal of Innovative Psychology & Social Development* 7(4), 43-52. <https://seahipaj.org/journals-ci/dec-2019/IJIPSD/full/IJIPSD-D-6-2019.pdf>
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Bastos, M. (2020). A Indisciplina Discente e suas consequências na Educação Básica. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, 12(16), 132-143. <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/wp-content/uploads/2021/01/indisciplina-discente-1.pdf>
- Batista, E., Matos, L., & Nascimento, A. (2017). A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 3(11), 23-38. https://www.researchgate.net/publication/331008193_A_ENTREVISTA_COMO_TECNICA_DE_INVESTIGACAO_NA_PESQUISA_QUALITATIVA
- Belle, L. (2017). A review of the research-based disciplinary strategies and interventions for student discipline management. *International Education & Research Journal [IERJ]*, 3(12), 92-93. https://www.academia.edu/45227272/A_REVIEW_OF_THE_RESEARCH_BASED_DISCIPLINARY_STRATEGIES_AND_INTERVENTIONS_FOR_STUDENT_DISCIPLINE_MANAGEMENT
- Bessa, M. M., Carvalho, M. F., Souza, J. O. de, Silva, S. W. dos S., Lima, L. da S., & Moreira, M. C. de F. (2020). Reflexões e ideias sobre a indisciplina: uma revisão da literatura. *Research, Society and Development*, 9(8), 1-13. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i8.5414>
- Boarini, M. L. (2013). Indisciplina escolar: uma construção coletiva School indiscipline: a collective construction. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 17(1), 123-131.

- Bradshaw, C., Mitchell, M., & Leaf, P. (2010). Examining the Effects of Schoolwide Positive Behavioral Interventions and Supports on Student Outcomes. *Journal of Positive Behavior Interventions*, 12(3), 133-148. <https://doi.org/10.1177/1098300709334798>
- Calhoun, B., Williams, J., Greenberg, M., Domitrovich, C., Russell, M. A., & Fishbein, D. H. (2020). Social Emotional Learning Program Boosts Early Social and Behavioral Skills in Low-Income Urban Children. *Frontiers in Psychology*, 11. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.561196>
- Câmara, R. (2013). Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6 (2), 179- 191. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>
- CASEL. (2020). *The CASEL guide to schoolwide social and emotional learning*. Chicago, IL: Author.<https://schoolguide.casel.org/>
- Cherng, H.-Y. (2017). If they think I can: Teacher bias and youth of color expectations and achievement. *Social Science Research*, 66, 170-186. <https://doi.org/10.1016/j.ssresearch.2017.04.001>
- Coelho, V., Marchante, M., Sousa, V., & Romão, A. (2016). Programas de intervenção para o desenvolvimento de competências socioemocionais em idade escolar: Uma revisão crítica dos enquadramentos SEL e SEAL. *Análise Psicológica*, 1 (XXXIV), 61-72. <https://doi.org/10.14417/ap.966>
- Correia, A. (2019). Classroom management into learning: Using phenomenography to analyse student teacher's conceptions of classroom management. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, 19, 257-280. <https://doi.org/10.34632/investigacaoeducacional.2019.5300>
- Curwin, R., & Mendler, A. (2001). *Discipline with dignity*. Merrill Prentice Hall.
- Demie, F. (2022). Tackling teachers' low expectations of Black Caribbean students in English schools. *Equity in Education & Society*, 1(1), 32-49. <https://doi.org/10.1177/27526461211068511>
- Díaz-Bravo, L., Torruco-García, U., Martínez-Hernández, M., & Varela Ruiz, M. (2013). La entrevista, recurso flexible y dinámico. *Investigación en Educación Médica*, 2(7), 162-167. <https://www.redalyc.org/pdf/3497/349733228009.pdf>
- Dinsdale, F. (s.d.). *How SEL can help with student discipline problems*. Satchel Pulse. <https://blog.satchelpulse.com/how-sel-can-help-with-student-discipline-problems>

- Direção-Geral da Saúde. (2015, agosto). *Programa Nacional de Saúde Escolar 2015*. <https://observatorio-lisboa.eapn.pt/ficheiro/Programa-Nacional-de-Sa%C3%BAdE-Escolar-2015.pdf>
- Durlak, J., Weissberg, R., Dymnicki, A., Taylor, R., & Schellinger, K. (2011). The impact of enhancing students' social and emotional learning: A meta-analysis of school-based universal interventions. *Child Development*, 82, 405-432. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2010.01564.x>
- Educação para a Cidadania (s.d.). *Prevenção da Violência em Meio Escolar*. Competências Socioemocionais. <https://cidadania.dge.mec.pt/saude/prevencao-da-violencia-em-meio-escolar/competencias-socioemocionais>
- Figueiredo, M.C., & Amendoeira, J. (2018). O estudo de caso como método de investigação em enfermagem. *Revista da UIIPS – Unidade de Investigação do Instituto Politécnico de Santarém*, 6(2), 102-107. <http://ojs.ipsantarem.pt/index.php/REVUIIPS>
- Gil, A. (2016). *A gestão da sala de aula na prevenção da indisciplina* [Dissertação de mestrado em Ensino de Português e das Línguas Clássicas no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário ou de Espanhol nos Ensinos Básico e Secundário, Universidade Nova de Lisboa]. Repositório Universidade Nova. <http://hdl.handle.net/10362/19927>
- Henriques, J. (2011). *Incapacidade intelectual: Avaliação e modificação do comportamento em contexto escolar - um estudo de caso* [Dissertação de mestrado em Educação Especial, Escola Superior de Educação de Coimbra]. Repositório Comum. <http://hdl.handle.net/10400.26/13016>
- Infopédia (s.d.). *indisciplina*. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/indisciplina>
- Júnior, A., & Júnior, N. (2011). A utilização da técnica da entrevista em trabalhos. *Evidência*, 7(7), 237-250. https://www.academia.edu/25703641/A_utiliza%C3%A7%C3%A3o_da_t%C3%A9cnica_da_entrevista_em_trabalhos_cient%C3%ADficos
- Kagoiya, P., & Kagemba, N. (2018). Examining Factors Contributing to Indiscipline in Primary Schools in Nyeri Central Sub-County, Kenya. *Pedagogical Research*, 3(2), 1-8. <https://doi.org/10.20897/pr/91650>
- Kim, D., Lim, J. H., & An, J. (2022). The quality and effectiveness of Social-Emotional Learning (SEL) intervention studies in Korea: A meta-analysis. *PLOS ONE*, 17(6), e0269996. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0269996>

- Laradji, P.-Z., & Amarouche, M. (2021). Disruptive student behavior and its relation with teacher burnout. *DirassatJournal*, 10(1), 176-186.
<https://www.asjp.cerist.dz/en/downArticle/332/10/1/144042>
- Lopes, J. (2012). *Indisciplina em sala de aula: Perspetivas de Diferentes Atores da Comunidade* [Dissertação de mestrado em Psicologia da Educação, Universidade dos Açores]. Repositório da Universidade dos Açores. <http://hdl.handle.net/10400.3/2075>
- Lopes, J., & Oliveira, C. (2017). Classroom discipline: Theory and practice. Em J. P. Bakken (Eds.), *Classrooms: Academic content and behavior strategy instruction for students with and without disabilities* (Vol. 2, pp. 231-253). Nova Science Publishers.
- Mahadi, N., & Jalal, F. (2018). Effectiveness of "time out" interventions study on disruptive behavior among primary school's students in Malacca. *Advances in Social Science, Education and Humanities Research*, 239, 47-51. <https://www.atlantispress.com/article/55916303.pdf>.
- Mareš, J. (2018). Students' Indiscipline in the Classroom. *Pedagogická orientace*, 28(4), 556–598. <https://doi.org/10.5817/PedOr2018-4-556>
- Martins, R. (2014). *Intervenção em Situações de Violência e Indisciplina em Alunos do Ensino Básico: Estudo de Caso* [Dissertação de mestrado em Educação Especial, Multideficiência e Problemas de Cognição, Escola Superior de Educação do Porto]. ProQuest.
<https://www.proquest.com/openview/73f064ca7e91e03b22248e1ff0563075/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>
- Mason, W. (2015). *Intervention Strategies to Decrease Discipline Issues in an Urban pre-K-8 Public School* [Tese de doutoramento, Walden University]. Scholar Works. <https://scholarworks.waldenu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2446&context=dissertations>
- Matos, B., & Ribeiro, C. (2015). *Prevenir a indisciplina e melhorar o comportamento dos alunos em centros escolares. Gestão e Desenvolvimento*, 23, 169-191.
<https://doi.org/10.7559/gestaoedesenvolvimento.2015.277>
- Mohajan, H. (2018). Qualitative Research Methodology in Social Sciences and Related Subjects. *Journal of Economic Development, Environment and People*, 7(1), pp. 23- 48.
https://mpira.ub.uni-muenchen.de/85654/1/MPRA_paper_85654.pdf
- Monteiro, A. P., Barroso, R., & Simões, M. (2015). Gestão da Indisciplina na Sala de Aula: Uma abordagem. *Revista Eletrónica de Educação e Psicologia*, 4, 28–37.

- http://edupsi.utad.pt/images/PDF/Revista4/Artigo_Gestao_da_Indisciplina_na_sala_de_aula_Final_12_Out.pdf
- Montero, I., & León, O. (2007). A guide for naming research studies in Psychology. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 7(3), 847-862. <https://www.redalyc.org/pdf/337/33770318.pdf>
- Ngwokabuenui, P. (2015). Students' Indiscipline: Types, Causes and Possible Solutions: The Case of Secondary Schools in Cameroon. *Journal of Education and Practice*, 6(22), 64-73. <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1079558.pdf>
- Ofori, K., Tordzro, G., Asamoah, E., & Achiaa, E. (2018). The Effects of Indiscipline on Academic Performance of Junior High School Students in the Fanteakwa District of Ghana. *Journal of Education and Practice*, 9(1), 109-117. https://www.academia.edu/38046442/The_Effects_of_Indiscipline_on_Academic_Performance_of_Junior_High_School_Students_in_the_Fanteakwa_District_of_Ghana
- Okeke, A. (2021). Perception of consellers' strategies in eradicating indiscipline among students in public secondary schools in Onitsha Metropolis of Anambra State, Nigeria. *Unizik Journal of Educational Research and Policy Studies*, 7, 346-359. <https://unijerps.org/index.php/unijerps/article/view/163>
- Ordem dos Psicólogos (s.d.). *Aprendizagem Socioemocional*. Escola Saudavelmente. <https://escolasaudavelmente.pt/directores/prevencao-e-promocao-da-saude-psicologica-e-sucesso-educativo/aprendizagem-socio-emocional-ase>
- Palmeira, L., Cordeiro, C., & Prado, E. (2020). A análise de conteúdo e a sua importância como instrumento de interpretação dos dados qualitativos nas pesquisas educacionais. *Cadernos de Pós-graduação*, 19(1), 14-31. <https://periodicos.uninove.br/cadernosdepos/article/view/17159>
- Panayiotou, M., Humphrey, N., & Wigelsworth, M. (2019). An empirical basis for linking social and emotional learning to academic performance. *Contemporary Educational Psychology*, 56, 193-204. <https://doi.org/10.1016/j.cedpsych.2019.01.009>
- Pinto, S. (2014). *Indisciplinanasala de aula: a perspetiva de professores do 3º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário* [Dissertação de mestrado em Ciências da Educação, ESELx - Escola Superior de Educação de Lisboa]. Repositório Científico. <http://hdl.handle.net/10400.21/3943>
- Peixe, T. (2019). *(In)disciplina na sala de aula. (In)Disciplina na sala de aula, o que é? a que se deve? Como agir? Opiniões de professores e alunos do 1º ano de escolaridade* [Dissertação de mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino

- Básico, ISEC Lisboa - Instituto Superior de Educação e Ciências]. Repositório Comum. <http://hdl.handle.net/10400.26/31280>
- Queiroz, L. (2019). *(In)disciplina nos 2º e 3º ciclos: motivações, implicações e respostas* [Dissertação de mestrado em Ciências da Educação, Universidade Católica Portuguesa]. Veritati - Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa. <http://hdl.handle.net/10400.14/28889>
- Ramos, A. (2012). *O (in)sucesso escolar dos alunos descendentes de imigrantes: O caso dos alunos de origem Cabo-verdiana* [Dissertação de mestrado em Educação e Sociedade, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório Iscte. <http://hdl.handle.net/10071/20490>
- Rodrigues, I., Marques, L., & Gomes, M. (2012). Como a indisciplina em sala de aula interfere no trabalho docente. *Revista Principia*, 21, 21-29. <https://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/principia/article/viewFile/156/126>
- Romo, M., Sánchez, A., & Jaramillo, P. (2017). Análisis de las estrategias docentes para promover la convivencia y disciplina en el nivel de educación preescolar. *Educación*, XXVI (51), 55-78. <https://doi.org/10.18800/educacion.201702.003>
- Rosado, A. (2015). *Estratégias de intervenção precoce de combate à indisciplina* [Dissertação de mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo, ESELx - Escola Superior de Educação de Lisboa]. Repositório Científico IPL. <http://hdl.handle.net/10400.21/5288>
- Rowley, J. (2002). Using case studies in research. *Management Research News*, 25(1), pp.16-27. <https://doi.org/10.1108/01409170210782990>
- Sá, C. (2007). *Perspectivas docentes sobre a (in)disciplina: estudo de caso em docentes do 1º Ciclo em escolas do Porto* [Dissertação de mestrado em Administração e planificação da Educação, Universidade Portucalense Infante D. Henrique]. Repositorio Dspace. <http://hdl.handle.net/11328/74>
- Salles, J. (2019). *A indisciplina escolar e suas consequências no processo de ensino-aprendizagem* [Monografia, Universidade de Ouro Preto- Centro de Educação Aberta e à Distância]. A Biblioteca Digital de TCC. https://monografias.ufop.br/bitstream/35400000/4028/6/MONOGRRAFIA_Indisciplina_EscolarConsequ%C3%Aancias%20.pdf
- Schlebusch, G., Makolab, S., & Ndlovu, M. (2022). Learner Indiscipline in Public Secondary Schools. *International Journal of Innovation, Creativity and Change*, 16(1), 1-20. https://www.researchgate.net/publication/361182982_Learner_Indiscipline_in_Public_Secondary_Schools

- Seabra, T., Martins, M., & Casanova, M.J. (2002). A (in) disciplina na escola- A perspetiva dos alunos. *O Professor*, 76, III Série, 7-13.
- Seabra, T. (2012). Desigualdades de desempenho escolar: etnicidade, género e condição social em escolas básicas da Área Metropolitana de Lisboa. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Número temático: Imigração, Diversidade e Convivência Cultural*, 185-210. <https://core.ac.uk/download/pdf/302954345.pdf>
- Sebastião, J. (2013). Violência na escola, processos de socialização e formas de regulação. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 71, 23-37. <https://doi.org/10.7458/SPP2013712328>
- Senos, J., & Diniz, T. (1998). Auto-estima, resultados escolares e indisciplina. Estudo Exploratório numa Amostra de Adolescentes. *Análise Psicológica*, 2, (XVI), 267-276. https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/5743/1/1998_2_267.pdf
- Shava, S., Hleza, S., Tlou, F., Shonhiwa, S., & Mathonsi, E. (2021). Qualitative Content Analysis, Utility, Usability and Processes in Educational Research. *International Journal of Research and Innovation in Social Science (IJRISS)*, 5(7), 553-558. <https://www.rsisinternational.org/virtual-library/papers/qualitative-content-analysis-utility-usability-and-processes-in-educational-research/>
- Silva, L. (2012). *Indisciplina. A Página da Educação*. https://www.apagina.pt/Download/PAGINA/SM_Doc/Mid_2/Doc_14445/Doc/P%C3%A1gina_14445.pdf
- Silva, M. (2020). *Estratégias de Prevenção e Resolução de Situações de Indisciplina, Violência e Bullying em meio escolar: Um Estudo de Caso* [Dissertação de mestrado em Administração Escolar, ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10071/20904>
- Santos, H. (2016). A Indisciplina na Escola: causas, prevenções e enfrentamento. *Revista Estação Científica*, 15, 1-13. <https://portal.estacio.br/media/6078/3-a-indisciplina-na-escola-causas-preven%C3%A7%C3%B5es-e-enfrentamento.pdf>
- Santos, J. (2020). Prevenção da indisciplina num agrupamento de escolas de Portugal. *Educação e Pesquisa*, 46, 1-16. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202046212779>
- Steve, A., & Charles, O. (2018). Indiscipline Model and Academic Performance of Secondary School Students in Ibadan: Implication for Educational Foundation in Nigeria. *International Journal of Research and Innovation in Social Science (IJRISS)*, 4(8), 450-460. <https://www.rsisinternational.org/journals/ijriss/Digital-Library/volume-4-issue-8/450-460.pdf>

Anexos

Anexo A- Matriz dos objetivos das entrevistas aos alunos

Objetivos	Temas	Tópicos de perguntas
1- Verificar qual a opinião/ponto de vista do aluno sobre o comportamento indisciplinado (seu e dos colegas).	Presenciar e identificar comportamentos de indisciplina (colegas); Perceção do aluno sobre o seu próprio comportamento em aula; Perceção do aluno sobre o conceito de indisciplina.	- Alguma vez presenciaste algum comportamento de indisciplina pelos teus colegas? Se sim qual foi? - Como caracterizas o teu comportamento dentro da sala de aula, consideras ser um aluno bem-comportado, ou malcomportado? - Como definias indisciplina?
2- Verificar qual a opinião/ponto de vista do aluno acerca do melhor perfil do professor na prevenção e na resolução de atos de indisciplina que ocorrem em sala de aula;	Opinião do aluno sobre a melhor forma de atuação do professor; Opinião do aluno sobre a melhor forma do professor de evitar a indisciplina.	- No seu ponto de vista foi a melhor forma de resolver o problema? Porquê? - Qual será a melhor maneira de um professor evitar comportamentos de indisciplina dentro da sala de aula ?
3- Identificar procedimentos dos docentes que poderão contribuir para a redução do comportamento de indisciplina dos alunos de origem cabo-verdiana.	Forma de atuação do professor face à indisciplina; Outras situações de indisciplina (pessoal ou com colegas).	- Como o teu professor contornou a situação (de indisciplina)? - Outras situações de que te lembres? Alguma situação contigo?

Anexo B- Guião das entrevistas aos alunos

- 1- Alguma vez presenciaste algum comportamento de indisciplina pelos teus colegas? Se sim, qual foi?
- 2- Como o teu professor contornou a situação?
- 3- No seu ponto de vista foi a melhor forma de resolver o problema? Porquê?
- 4- Outras situações de que te lembres? Alguma situação contigo?
- 5- Qual será a melhor maneira de um professor evitar comportamentos de indisciplina dentro da sala de aula ?
- 6- Como caracterizas o teu comportamento dentro da sala de aula, consideras ser um aluno bem-comportado, ou malcomportado?
- 7- Como definias indisciplina?

Anexo C- Transcrição das entrevistas realizadas aos alunos

1- Alguma vez presenciaste algum comportamento de indisciplina pelos teus colegas? Se sim qual foi?

M13: Sim, estavam a falar, e a fazer brincadeiras.

D10: Sim, fez brincadeiras e a falar perturbando a aula.

T11: Sim, não sei, ficam a falar

T12: Sim, bater, chutar cadeiras

M14: Sim, tem muitos que portam mal na aula, mexem no telefone e a professora viu.

N11: Sim, conversar com o colega ao lado, acho que estavam a falar da matéria ou de outra coisa.

V11: Sim, não paravam de falar.

G10: Sim, por exemplo o Tarciso fala o crioulo para nos fazer rir, a turma fala muito, falamos muito.

2- Como o teu professor contornou a situação?

M13: Ficou chateado, avisa e pede a caderneta e faz uma participação,

D10: O professor o avisou várias vezes e tentou mandá-lo para rua, depois ele volta para sala e fica calado, mas na outra aula ele fez a mesma coisa.

T11: Diz que se eles não pararem de falar eles vão levar recado na caderneta para os pais.

T12: Ele nos mandou ir para a sala dos AS, a sala dos alunos de mal comportamento, ficam uma hora a escrever regras. Professora fala com a mãe, fala com o pai e depois acontece o mesmo.

M14: A professora disse para o aluno sair da sala, só que ela não quis sair e começou a gritar com a professora, a professora deu uma ou duas faltas disciplinares.

N11: O professor gritou, para deixarem de falar e prestar atenção na aula.

V11: Mandou-o para a fora da sala.

G10: Alguns só ficam sentados e não dão a matéria até nós nos calarmos, outros dão castigo, colocam-nos a escrever regras.

3- No seu ponto de vista foi a melhor foi a melhor forma de resolver o problema? Porquê?

M13: Não, ele deveria falar com os pais, tentar entender se o aluno está com problema, embora as vezes alguns colegas se comportam mal porque querem.

D10: Não, porque o meu colega continua a fazer a mesma coisa em todas as aulas, acho que ele devia enviar o aluno para a direção em vez de o colocar na rua, porque isso já não resolve a situação.

T11: Sim, o que o professor faz porque quando ele diz que vai enviar recado na caderneta, eles param de falar.

T12: Não porque eles ficaram a fazer *bullying* na sala dos AS.

M14: Não, não sei, eu acho que ela devia ter falado com a aluna e tentar entender o porquê de ela estar a usar telefone e a fazer fotos, conversar da situação.

N11: Não, ele não deveria gritar.

V11: Não, a melhor forma é conversar.

G10: Não, sei lá...

4- Outras situações de que te lembres? Alguma situação contigo?

M13: Não.

D10: Sim, a uma aluna que quando a professora fala ela fica a interromper e fala guineense para a professora não entender o que ela está a dizer, e outros falam dentro da aula enquanto a professora está a explicar e a falar palavras não apropriadas para uma sala de aula. Como já aconteceu uma situação em que interrompi a aula e a professora me chamou atenção.

T11: Não, comigo já aconteceu uma situação de eu falar e ter interrompido a aula e o professor me chamou atenção, de resto é sempre a mesma coisa.

T12: Sim, às vezes eles levantam do lugar, chutam as cadeiras a professora irrita, dá falta disciplinar.

M14: Sim, já aconteceu mais algumas coisas, mas não comigo...

N11: Sim, comigo teve um dia que eu ia falar enquanto o professor explicava e os meus colegas me mandaram calar a boca, e eu revidei pois eles me faltaram respeito, perguntei porque que eu ia calar e o professor me chamou a atenção.

V11: Não, comigo houve uma vez que o professor acho que eu estava a falar enquanto ele conversava e me mandou calar.

G10: A minha professora só me chamou atenção para melhorar a letra, e para eu estar mais atento.

5- Qual será a melhor maneira de um professor evitar comportamentos de indisciplina dentro da sala de aula?

M13: Conversar sempre com os pais, tentar entender os problemas dos alunos.

D10: Mandar para direção, e suspensão para os pais entenderem a gravidade da situação.

T11: Eu acho que o professor deveria nos dar mais espaço para falar, ouvir-nos mais.

T12: Professor devia falar com o pai e a mãe embora ele faz isso.

M14: Tipo, eu não sei, mas se eu fosse professora não é bem ignorar o que o aluno diz, talvez eu ia na diretora do aluno para depois avisarem os pais do comportamento do aluno.

N11: O professor devia motivar os alunos, falar por exemplo prestem atenção para terem boas notas.

V11: Isso eu já não sei, mas acho que o melhor é mandar calar a boca e conversar comigo depois.

G10: Eu acho que o professor teria que, sempre que houvesse uma confusão ou que o aluno estivesse em confusão deveria falar com ele.

6- Como caracterizas o teu comportamento dentro da sala de aula, consideras sem um aluno bem-comportado, ou malcomportado?

M13: Médio.

D10: Bom, mais ou menos bom comportado porque eu não interrompo a professora assim como os outros.

T11: Considero que sou um aluno muito bem-comportado.

T12: Meu comportamento é muito bom, a professora diz que todo o ano o meu comportamento é muito bom.

M14: Bom, porque as vezes eu falo demais, mas é bom.

N11: Bom, tirando o dia que os meus colegas me mandaram calar não tenho feito mais nada de errado na sala.

V11: Mais ou menos, médio.

G10: Eu sou bem-comportado até, algumas vezes eu estou distraído só que maioria das vezes eu estou a ouvir, mas este ano estou a esforçar para ouvir porque no ano passado tive 4 disciplinas suficientes.

7- Como definias indisciplina?

M13: Quando o aluno não faz o que o professor pede e faz brincadeiras em horas impróprias.

D10: Alunos que fazem coisas erradas e insistem em não respeitar os professores, e quando tem esse comportamento isso quer dizer que em casa veem coisas erradas ficam a ver os pais a fazerem a mesma coisa e depois fazem o mesmo.

T11: Quando o aluno não preste atenção na aula, tudo o que seja que não tem a ver com a aula.

T12: Falta de respeito para com o professor, xinga professores.

M14: Quando o aluno falta respeito com os outros, principalmente com o professor ele faz mais ou menos o que quer nas aulas, tipo ele é que manda na sala.

N11: Aluno que se comporta mal, que não estuda, não converse bem com a professora, que grita com a professora, fala com o tom alto com a professora.

V11: Falar quando o professor está a explicar, o professor manda calar a boca ele não cala, e quando não respeita os colegas.

G10: Um aluno que em casa não lhe ensinaram nada de boas maneiras, come de boca aberta, e gritava, por exemplo havia um aluno que gritava e estava sempre a bater nas pessoas.

Anexo D- Matriz de análise de conteúdo

Categoria	Subcategorias	Unidade de registo	Unidade de contexto
Presenciar e identificar comportamentos de indisciplina (colegas)	- Saber se o aluno presenciou comportamentos de indisciplina; - Identificar quais foram os comportamentos de indisciplina.	- Sim/Não; - Falar/conversar; - Fazer brincadeiras; - Bater; - Chutar cadeiras; - Mexer no telemóvel.	Alguma vez presenciaste algum comportamento de indisciplina pelos teus colegas? Se sim qual foi? M13: “Sim, estavam a falar, e a fazer brincadeiras.” G10: “Sim, por exemplo o Tarciso fala o crioulo para nos fazer rir, a turma fala muito, falamos muito.”
Forma de atuação do professor face à indisciplina	- Identificar os comportamentos do professor perante as situações de indisciplina que os alunos presenciaram.	- Ficar chateado; - Gritar; - Advertir várias vezes o aluno; - Aplicar castigos (ex.: ficar uma hora a escrever regras; - Mandar para a sala dos alunos malcomportados; - Levar recado na caderneta para os pais; - Mandar sair da sala; - Levar falta disciplinar); - Ficar sentado e aguardar até o aluno se calar para prosseguir com a matéria.	Como é que o teu professor contornou a situação? M14: “A professora disse para o aluno sair da sala, só que ela não quis sair e começou a gritar com a professora, a professora deu uma ou duas faltas disciplinares” G10: “Alguns só ficam sentados e não dão a matéria até nós nos calarmos, outros dão castigo, colocam-nos a escrever regras.”
Opinião do aluno sobre a forma de atuação do professor	- Verificar se as práticas do professor em relação às situações de indisciplina presenciadas foram as mais corretas na opinião do aluno. Se sim ou não, quais os motivos de o aluno considerar assim.	- Sim/Não/Não sei; - Falar com os pais; - Enviar o aluno para a Direção (ao invés de o colocar na rua); - Falar com o aluno e tentar entender os motivos.	No seu ponto de vista foi a melhor foi a melhor forma de resolver o problema? Porquê? M14: “Não, não sei, eu acho que ela devia ter falado com a aluna e tentar entender o porquê de ela estar a usar telefone e a fazer

			<i>fotos, conversar a respeito da situação.”</i> M13: “Não, ele deveria falar com os pais, tentar entender se o aluno está com problema, embora as vezes alguns colegas comportam-se mal porque querem.”
Outras situações de indisciplina (pessoal ou com colegas)	Identificar se há outras situações de indisciplina que o aluno tenha presenciado ou que tenha passado e quais.	-Sim/Não; - Interromper o professor; - Falar palavras não apropriadas; - Interromper a aula; - Levantar do lugar; - Avisar para estar mais atento	Outras situações de que te lembres? Alguma situação contigo? D10: “Sim, a uma aluna que quando a professora fala ela fica a interromper e fala guineense para a professora não entender o que ela está a dizer, e outros falam dentro da aula enquanto a professora está a explicar e a falar palavras não apropriadas para uma sala de aula.”
Opinião do aluno sobre a melhor forma de evitar a indisciplina	Perceção do aluno da melhor forma de o professor evitar comportamentos de indisciplina dentro da sala de aula. Quais os comportamentos que o professor deve ter para evitar a indisciplina.	- Conversar com o aluno para tentar entender o seu comportamento; - Falar com os pais sobre o sucedido; - Dar mais espaço aos alunos para falarem; - Mandar para a direção; - Motivar os alunos.	Qual será a melhor maneira de um professor evitar comportamentos de indisciplina dentro da sala de aula ? G10: “Eu acho que o professor teria que, sempre que houvesse uma confusão ou que o aluno estivesse em confusão deveria falar com ele.” N11: “O professor devia motivar os alunos, falar por exemplo, prestem

			<i>atenção para terem boas notas.”</i>
Percepção do aluno sobre o seu próprio comportamento em aula	Como é que o aluno acha que é o seu comportamento na sala de aula, se considera ter bom comportamento ou não.	- Médio/Bom/Muito bom; - Por vezes distraído, mas esforça-se para ultrapassar isso; - Por vezes fala demais; - Não interrompe a professora como os outros.	Como caracterizas o teu comportamento dentro da sala de aula, consideras sem um aluno bem-comportado, ou malcomportado? T12: “<i>Meu comportamento e muito bom, a professora diz que todo o ano o meu comportamento e muito bom.</i>” D10: “<i>Bom, mais ou menos bom comportado porque eu não interrompo a professora assim como os outros.</i>”
Percepção do aluno sobre o conceito de indisciplina	Perceber como o aluno caracteriza o comportamento indisciplinado.	- Não fazer o que o professor pede; - Desrespeitar o professor e os colegas (gritar, falar alto, insultar, bater); - Fazer brincadeiras em alturas impróprias; - Não prestar atenção à aula; - Ter mau comportamento no geral; - Veem os pais a fazerem a mesma coisa e copiam o comportamento na escola; - Não lhes ensinaram boas maneiras em casa.	Como definias indisciplina? T12: “<i>Falta respeito ao professor, xinga professores.</i>” V11: “<i>Falar quando o professor esta a explicar, o professor manda calar a boca ele não cala, e quando não respeita os colegas.</i>”